



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDRIELLY KRISTHYNE DA SILVA SÁ

**A CONCORDÂNCIA EM SENTENÇAS COPULARES COM O VERBO *SER* NO
PORTUGUÊS ESCRITO NOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Recife
2019

EDRIELLY KRISTHYNE DA SILVA SÁ

**A CONCORDÂNCIA EM SENTENÇAS COPULARES COM O VERBO *SER* NO
PORTUGUÊS ESCRITO NOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em LINGUÍSTICA.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S111c Sá, Edrielly Kristhyne da Silva

A concordância em sentenças copulares com o verbo *ser* no português escrito nos séculos XVIII e XIX / Edrielly Kristhyne da Silva Sá. – Recife, 2019.

101f.: il.

Orientador: Marcelo Amorim Sibaldo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências e anexo.

1. Sentenças copulares. 2. Ser. 3. Concordância. 4. Português. 5. Diacronia. I. Sibaldo, Marcelo Amorim (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-213)

EDRIELLY KRISTHYNE DA SILVA SÁ

**A CONCORDÂNCIA EM SENTENÇAS COPULARES COM O VERBO *SER* NO
PORTUGUÊS ESCRITO NOS SÉCULOS XVIII E XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em LINGUÍSTICA.

Aprovada em: 29/8/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª Dorothy Bezerra Silva de Brito (Examinadora Externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (Examinador Externo)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Aos meus amados pais, Francisco e Ednalda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus pela força necessária para a concretização da presente pesquisa.

Agradeço a minha família que me deu muito suporte durante os dois anos do mestrado, em especial aos meus pais, Francisco e Ednalda, e aos meus irmãos caçulas Elthon e Eldher. Espero ser inspiração para vocês e para os outros da mesma forma que vocês são para mim todos os dias.

Agradeço aos meus amigos e colegas que estiveram ao meu lado durante todo o processo, me dando o suporte necessário para seguir com o mestrado, apesar dos obstáculos que foram surgindo no decorrer do caminho. Em especial à Jamilys Nogueira, Juliana da Silva, Diogo Santos, Ivanilson Silva, Gilson Silva e Hedvyrgens Monteiro. Cada pedaço do meu coração é grato a vocês e lhes deseja o melhor sempre. Espero estar sempre por perto para vê-los crescer e prosperar.

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Amorim Sibaldo, pela oportunidade de crescer enquanto aluna e pesquisadora, em especial, pelo grande suporte nos últimos meses de escrita da presente dissertação. Agradeço, principalmente, por ter me apresentado à Linguística e ter me iniciado no fazer científico, sendo meu orientador por quase seis anos. Enquanto professor, pesquisador e pessoa me é um exemplo muito grande a ser seguido.

Agradeço aos professores e pesquisadores com os quais me deparei na graduação e no mestrado, seja na sala de aula, seja nos eventos, os quais me auxiliaram e inspiraram em diversos momentos de minha vida acadêmica até o momento. Em especial, mais recentemente, a Cleber Ataíde, Cláudia Tavares e Vicente Masip. Espero algum dia ser uma pesquisadora e professora que os honre.

Agradeço muito a Adeilson Pinheiro Sedrins, que desde a graduação me foi exemplo e inspiração, e, mesmo agora, no mestrado, contribuiu imensamente para a elaboração da presente dissertação com sua avaliação, análise cuidadosa e contribuições mais que relevantes, sem as quais a presente pesquisa não teria ganhado essa forma.

Agradeço, também, a Dorothy Bezerra Silva de Brito pelos bons conselhos e suporte durante todo o período da minha formação, sem os quais não teria aprendido tanto em tão pouco tempo. Sua presença sempre foi lembrança constante do que é uma boa pessoa e uma ótima profissional.

Agradeço, por fim e sinceramente, à CAPES, pelo auxílio financeiro, sem o qual esta pesquisa não teria sido realizada. O que me permitiu dar um pequeno passo em direção a ser uma pesquisadora e professora melhor. Tal tipo de auxílio financeiro é, sem sombra de dúvida, um divisor de águas para alunos e pesquisadores que não teriam acesso a uma pós-graduação em caso de ausência desse tipo de bolsa.

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então”(CARROL, 1862)

RESUMO

Em virtude dos poucos trabalhos sobre os verbos copulares do português escrito (SIBALDO, 2011), a presente dissertação tem como objetivo principal a análise e a descrição da concordância verbal em 129 sentenças copulares com o verbo *ser* na primeira e na segunda metades dos séculos XVIII e XIX, que são provenientes de 1006 textos escritos do *corpus* do Para a História do Português Brasileiro. Dos 1006 textos, foram analisados 205 documentos escritos, particulares e oficiais do século XVIII e 801 documentos escritos, particulares e oficiais, do século XIX, provenientes de nove estados brasileiros: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo. Esta pesquisa se encaixa, portanto, nos moldes de uma pesquisa diacrônica (MATTOS E SILVA, 2008), tendo como base para a análise a teoria gerativista minimalista (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001; entre outros). Após a quantificação dos dados, observamos a quase não variação existente da concordância. Encontramos explicação para essa falta de variação em trabalhos anteriores sobre concordância que se baseiam na variável *saliência fônica* para a sua análise e explicação (LOPES; SCHERRE, 2014, SCHERRE; NARO, 1998, CHAVES, 2014, AZALIM; MARCILESE; NAME; SCHER; GONÇALVES, 2018, entre outros). Por fim, apresentamos possibilidades de análise e explicação de sentenças copulares predicativas (as mais frequentes em nosso *corpus* e as únicas que apresentaram variação), tanto para as sentenças com concordância verbal visível quanto para as com concordância verbal não visível através do processo de *Agree* (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001), além disso, apontamos para a possibilidade de um processo como *Merge Concord* (BEJAR *et al*, 2015) poder ocorrer antes de *Agree*, o que dependeria do tipo de sentença copular e do tipo de predicado da *Small Clause* (se adjetival ou nominal).

Palavras-chave: Sentenças copulares. Ser. Concordância. Português. Diacronia.

ABSTRACT

Due to the small amount of works on copular verbs in written or spoken Portuguese (SIBALDO, 2011), the main objective of the present dissertation is to analyze and describe verbal agreement in 129 copular sentences with the verb *ser* in the first and second halves of the 18th and 19th centuries, which are from 1006 written texts of the Para a História do Português Brasileiro corpus. Of the 1006 texts, 205 of them are private and official written documents of the eighteenth century and 801 of them are private and official written documents of the nineteenth century, which are from nine Brazilian states: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina and São Paulo. This research fits, therefore, in the molds of a diachronic research (MATTOS E SILVA, 2008), having as basis for the analysis the minimalist generativist theory (CHOMSKY, 1995, 2001, among others). After the quantification of these data, we observed that almost no variation was found in agreement. We found an explanation for this absence of variation in previous agreement studies that are based on the phonemic salience variable for its analysis and explanation (LOPES, SCHERRE, 2014, SCHERRE, NARO, 1998, KEYS, 2014, AZALIM, *et al* 2018, among others). Finally, we present possibilities for analysis and explanations of predicative copula sentences (the most frequent ones in our corpus and the only ones that presented variation), both for sentences with visible agreement and for those with non-visible agreement through Agree (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001). In addition, we point to the possibility of a process like Merge Concord (BEJAR *et al*, 2015) occurring before Agree, without preventing it of happening, what would depend on the type of copular sentence and on the kind of predicate of the SC (if an adjective or a noun phrase).

Keywords: Copular sentences. Ser. Agreement. Portuguese. Diachrony.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro com as conjugações do verbo ser no modo indicativo.....	40
Quadro 2 - Número de cartas particulares e oficiais analisadas da primeira e da segunda metade dos séculos XVIII e XIX.....	45
Quadro 3 - Resultados quantitativos gerais referentes à concordância na primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX.....	50
Quadro 4 - Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares predicativas da primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX.....	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares com "ser".....	49
Gráfico 2 - Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares predicativas na primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX.....	51
Gráfico 3 - Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da primeira metade do século XVIII.....	64
Gráfico 4 - Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da segunda metade do século XVIII.....	64
Gráfico 5 - Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da primeira metade do século XIX.....	65
Gráfico 6 - Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da segunda metade do século XIX.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Sintagma Adjetival (<i>Adjective Phrase</i>)
DP	Sintagma Determinante (<i>Determiner Phrase</i>)
NP	Sintagma Nominal (<i>Noun Phrase</i>)
PP	Sintagma Preposicional (<i>Prepositional Phrase</i>)
IP	Sintagma Flexional (<i>Inflectional Phrase</i>)
CP	Sintagma Complementizador (<i>Complementizer Phrase</i>)
AdvP	Sintagma Adverbial (<i>Adverbial Phrase</i>)
NuMR	Requerimento de concordância de número (<i>Number Matching Requirement</i>)
PHPB	Para a História do Português Brasileiro
PL	Plural
SG	Singular
FEM	Feminino
NOM	Nominativo
1M XVIII	Primeira metade do século XVIII
2M XVIII	Segunda metade do século XVIII
1M XIX	Primeira metade do século XIX
2M XIX	Segunda metade do século XIX

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	SENTENÇAS COPULARES.....	19
1.2	DAS GRAMÁTICAS À CARACTERIZAÇÃO.....	19
1.3	TIPOS DE SENTENÇAS COPULARES.....	26
1.4	DESCRIÇÃO DAS SENTENÇAS COPULARES COM SER ATRAVÉS DE ESTRUTURA DE <i>SMALL CLAUSE</i>	28
2	CONCORDÂNCIA.....	36
2.1	A CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM A GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	36
2.2	NOTAS BREVES SOBRE SALIÊNCIA FÔNICA E REGRAS TIPOLÓGICAS DE VARIAÇÃO LABOVIANA.....	38
2.3	A CONCORDÂNCIA NA TEORIA GERATIVA.....	41
3	METODOLOGIA.....	44
4	ANÁLISE.....	49
4.1	CONCORDÂNCIA VISÍVEL.....	51
4.2	CONCORDÂNCIA NÃO VISÍVEL.....	54
4.2.1	<i>Dados cujo sujeito é “tudo”</i>	54
4.2.2	<i>“A maior parte” / “o total de” / “o processo de” / “a gente”</i>	56
4.2.3	<i>Dados cujo sujeito é um pronome demonstrativo</i>	57
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE SENTENÇAS COPULARES PREDICATIVAS DO TIPO [SC NP, NP] OU [SC DP, NP].....	59
4.4	<i>MERGE CONCORD</i> EM SENTENÇAS COPULARES PREDICATIVAS COM PREDICADO AP.....	62
4.5	DEMAIS RESULTADOS QUANTITATIVOS QUANTO À CONCORDÂNCIA EM SENTENÇAS PREDICATIVAS.....	63
5	CONCLUSÕES.....	67
	REFERÊNCIAS.....	70
	ANEXO A - QUADRO COM AS SENTENÇAS ANALISADAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar sentenças copulares com o verbo *ser* do português quanto à concordância em documentos escritos da primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX, documentos escritos estes que pertencem ao banco de dados *on-line* do Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro*¹ (PHPB).

Ao fazer uso de 129 dados provenientes da seleção de 1006 textos escritos, pretendemos estudar principalmente a concordância verbal e o seu uso nesses períodos, constituindo assim um trabalho diacrônico, visando uma descrição e uma possibilidade de explicação do padrão encontrado, uma vez que trabalhos sobre os verbos copulares do português são escassos no Brasil. Analisaremos, portanto, sentenças como em (1) e (2), nas quais o verbo *ser* funciona como cópula, ou seja, age apenas como verbo que liga um sujeito a um predicado²:

- (1) Elyseu | e Bittencourt são as unicas cousas [fol. 2r] boas que ainda por cá an- |
dam. (PHPB, SC, 1888)
- (2) que outros são os seus redactores. (PHPB, RJ, 1893)

Temos por objetivo principal e geral estudar principalmente a concordância verbal aparente ou visível (como em (1) e (2)) nessas sentenças, ou de sua falta (como em (3)-(5)), de modo a verificar se as sentenças com o verbo em questão passam pelos mesmo estágios verificados em outros trabalhos com foco na concordância, a princípio³, entre o sujeito e a cópula.

- (3) Isto são couzas annexas a o lugar, e aspertendo con servir ellezas, emquanto o Senhor
do mesmo Lugar não manda outra couza. (PHPB, PB, 1775)
- (4) A gen-|te que vai, são pouco praticos. | (PHPB, BA, 1893)

¹ O banco de dados em questão pode ser acessado no seguinte endereço *online*: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/plataforma-de-corpora-phpb>.

² Manteremos a transcrição original dos documentos transcritos pelo PHPB, sendo esta a razão pela qual as sentenças retiradas do *corpus* aparecerão com escrita e símbolos diferentes dos utilizados na ortografia atualmente em vigor em trabalhos formais escritos. Destacaremos, no entanto, a cópula em foco ao sublinhá-la, sendo esta uma marcação feita por nós e não pelos pesquisadores do PHPB.

³ “A princípio” pois, como veremos nas seções seguintes, também faremos algumas considerações quanto à concordância nominal, de modo a explicar alguns dados específicos.

(5) as cacimbas estão escassas| d'agua, **o processo para o trabalho| das mesmassãodifficeis e de[s]pen-|diosos;** (PHPB, BA, 1898)

Para isso, foram analisados 205 documentos escritos, particulares e oficiais do século XVIII e 801 documentos escritos, particulares e oficiais, do século XIX, provenientes de nove estados brasileiros: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraná, Santa Catarina e São Paulo, que compõem todo o material disponível no banco de dados do referido projeto PHPB. Dito isso, a presente pesquisa não é dialetológica e nem visa à variação da língua enquanto objeto de estudo em si mesma⁴. A presente dissertação é categorizável como um trabalho de pesquisa diacrônica, nos moldes de Mattos e Silva (2008, p. 8-10).

De modo a melhor observar essas sentenças, decidimos por realizar um estudo quantitativo das sentenças selecionadas, para termos uma visão objetiva dos dados para, então, analisá-los. No entanto, os dados apresentaram quase nenhuma variação e ofereceram pouco apoio quantitativo. Atribuímos essa falta de variação, por sua vez, a questão da *saliência fônica*, corroborando, assim, estudos anteriores que apontam que verbos mais salientes seriam menos passíveis de não apresentarem concordância verbal visível (LOPES; SCHERRE, 2014, SCHERRE; NARO, 1998, CHAVES, 2014, AZALIM; MARCILESE; NAME; SCHER; GONÇALVES, 2018, entre outros), embora, afirmar que este seja o único fator envolvido provavelmente não seja algo prudente.

Tendo isso em vista, embora expliquemos a falta de variação na concordância verbal, os dados foram analisados sem foco quantitativo e não sob uma teoria de *saliência fônica*, mas, sim, sob a vertente teórica descritiva e explicativa da Teoria Gerativista, em especial, do seu Programa Minimalista⁵(CHOMSKY, 1995, 1999, 2001; SILVA *et al*, 2012; FRAMPTON; GUTMANN, 2000; MAGALHÃES, 2004; entre outros).

Ao apontar que não demos foco ao aspecto quantitativo, estamos levando em consideração o fato de que não obtivemos dados de variação suficientes além de não termos seguido com exatidão as propostas de uma teoria e metodologia de quantificação em relação à linguagem, como é o caso da Sociolinguística Variacionista. Dito isso, fizemos uma

⁴ Como seria o caso, por exemplo, em estudos no escopo da Sociolinguística.

⁵ Mesmo que estejamos usando o Programa Minimalista (PM) para fazer a descrição e explicação dos dados, manteremos as formas e rótulos da estrutura arbórea da Teoria X-barrã (CHOMSKY; 1986, MIOTO; LOPES; SILVA, 2013) de modo a manter a estrutura mais didática. No que tange a constituição da Gramática Universal e o processamento de uma dada gramática de uma Língua-I, no entanto, estaremos nos voltando para o modelo em PM.

quantificação geral dos dados e das variáveis aqui estudadas de modo a analisar os dados sob uma ótica mais ampla, mas os resultados quantitativos obtidos não são o objetivo, mas apenas uma informação adicional sobre os dados.

Visamos, assim, como objetivo geral, à descrição e à análise da aplicação da concordância (visível, morfológica) e a nãoaplicação (não visível, não morfológica) apenas quanto a aspectos linguísticos dessas sentenças, partindo do estudo de um conjunto de variáveis e fatores sintáticos específicos (sentença matriz ou encaixada, tipo de sujeito, tipo de predicado, número do predicado, tipo de sentença copular com o verbo *ser*, elementos intervenientes e animacidade do sujeito).

Temos como hipótese geral, então, que, ao contrário do que foi verificado quanto aos demais verbos no português (em consonância com trabalhos como os de: LOPES; SCHERRE, 2014; SCHERRE; NARO, 1998; CHAVES, 2014; AZALIM *et al*, 2018, entre outros), mudanças referentes à concordância verbal demorariam mais a ocorrer, portanto, em sentenças copulares com o verbo *ser*, muito provavelmente devido ao fato desse verbo possuir muita saliência fônica, por ser irregular, anômalo em sua morfologia. Sendo essa irregularidade morfológica também presente em outras línguas, como, por exemplo, no inglês, no qual ele é conjugado diferentemente a depender da pessoa, número e tempo verbal: *is, are, am, was, were, been, be, etc.*

Enquanto objetivos específicos estão (I) analisar a concordância verbal em sentenças copulares predicativas (as mais frequentes em nosso *corpus*); (II) analisar os argumentos de modo a analisar essa concordância verbal como um processo que pode se dar em camadas e sendo realizado de meios diferentes a depender de questões como o tipo de sentença copular, de sujeito e de predicado; (III) explicar os dados sem concordância verbal aparente, ou seja, de uma concordância verbal não visível; e (IV) explicar os dados nos quais há essa concordância visível.

Sendo assim, esta dissertação está organizada da seguinte forma: primeiro apresentamos a fundamentação teórica de nosso trabalho: na seção um, de modo a contextualizar o leitor, fazemos considerações gerais sobre o que são sentenças copulares, como tomamos a *Small Clause* como estrutura a ser descrita, além de dissertarmos sobre a natureza irregular da cópula *ser*.

Na seção dois, discutimos de forma sucinta o nosso ponto de partida ao falar de concordância, tendo em vista (i) a gramática tradicional, (ii) os estudos realizados que se apoiam sobre a variável *saliência fônica* para explicar a ocorrência ou não de concordância

verbal visível, (iii) a tipologia de regras labovianas⁶ que tem por base a quantidade percentual de dados analisados (categórica, semicategórica e variável)⁷ e (iv) algumas questões relacionadas à concordância sob o viés de um modelo descritivo e explicativo inatista, a saber como o modelo entende a concordância através de processos como *Agree* e *Concord*, de modo a explicar e descrever a concordância verbal e nominal respectivamente.

Na seção três, apresentaremos a metodologia de fato utilizada por nós em nosso trabalho, o que inclui informações sobre o número de documentos escritos por período que foi analisado, a quantidade de dados que compõe o *corpus* de nossa pesquisa e a delimitação de dados que foi aplicada, entre outros tópicos.

Na seção quatro, apresentamos os resultados quantitativos e algumas análises baseadas nesses resultados. Dentre os resultados obtidos, temos a corroboração de trabalhos anteriores quanto à frequência da concordância morfológica verbal em sentenças com o verbo *ser* e quanto ao comportamento desse tipo de verbo e de sentença (como os trabalhos já citados anteriormente, acrescidos de MATTOS E SILVA, 1997. SIBALDO, 2011, entre outros).

Constatada a quase completa falta de variação em nossos dados quanto à concordância, apresentamos uma análise das sentenças que aparecem em nosso *corpus* sem concordância, explicando-as e descrevendo-as sob o viés gerativista do Programa Minimalista, dando foco, em especial, aos traços que compõem os itens lexicais na posição de sujeito, em consonância com a teoria da operação *Agree* adotada nesta pesquisa.

Além de apresentar uma descrição e explicação desses dados de concordância não morfológica, também apresentaremos considerações sobre como a concordância (de gênero e número) se deu entre o sujeito e o predicativo da sentença copular se o tipo de predicativo das sentenças copulares predicativas canônicas fosse da mesma natureza/categoria que o sujeito. Incluindo assim, uma possível forma de explicação da concordância entre o sujeito e o predicativo através de uma operação que precederia *Agree*, mas que não a substituiria, no entanto, a saber, a operação de *Merge Concord*.

Por fim, relacionamos a natureza intrincada desse tipo de sentença em relação, principalmente, à concordância verbal com os resultados obtidos quanto à concordância entre

⁶ Como mencionado anteriormente, não partiremos aqui dos pressupostos da Sociolinguística. A tipologia laboviana aqui mencionada, portanto, será utilizada apenas de modo a classificar os resultados obtidos na quantificação e apresentar um melhor retrato dos resultados obtidos. Sendo este o único fim e propósito, aqui, dessa tipologia.

⁷As regras tipológicas aqui citadas e utilizadas, só o são com o objetivo de melhor descrever resultados quantitativos. Por isso, nos abtemos de discussões sob o viés da representatividade de uma comunidade específica, que não é o que objetivamos aqui. Esses termos, portanto, devem ser entendidos aqui apenas na sua superficialidade, ou seja, enquanto meio para a descrição de um resultado quantitativo.

o sujeito e a cópula (foco do trabalho até a constatação de variação quase nula). Além disso, nos baseando nos resultados numéricos, faremos breves apontamentos quanto à relação de concordância nominal entre o predicado e o sujeito, e por consequência, também observaremos a relação de concordância entre a cópula e o predicado, com base nesses mesmos dados quantitativos obtidos.

1.1 SENTENÇAS COPULARES

Na presente seção, apresentamos ao leitor, de forma resumida, (i) o que entendemos por sentenças copulares, (ii) algumas de suas características, (iii) a distinção da cópula *ser*, verbo em foco na presente pesquisa, em relação a *estar*, e (iv) a forma pela qual decidimos representar e descrever arboriamente as estruturas de sentenças copulares com o verbo *ser*.

1.2 DAS GRAMÁTICAS À CARACTERIZAÇÃO

Iniciaremos esta seção com a explicação do que tradicionalmente entende-se como sendo um verbo copular. Na tradição gramatical, costuma-se chamar os verbos copulares de *verbos de ligação*, uma vez que esse tipo de verbo não parece ter conteúdo semântico-lexical como verbos como *beijar*, *abraçar* ou *ensinar*, por exemplo.

De acordo com a gramática prescritiva de Cegalla (1998, p. 299-301), existem três tipos de predicado: predicado verbal, cujo núcleo é um verbo, que pode ter complemento ou não; predicado nominal, cujo núcleo é um nome, ou seja, um substantivo ou um adjetivo ou, ainda, um pronome; e, predicado verbo-nominal, que possuiria dois núcleos, um sendo verbal e o outro nominal. Os verbos de ligação funcionariam como elo entre um predicado nominal e o sujeito da sentença, sendo esse predicado nominal chamado de *predicativo*.

Dentre os verbos de ligação no português, no entanto, dois deles são especialmente observados e analisados: o verbo *ser* e o verbo *estar*, devido às diferentes formas de expressar características atribuídas pelo predicativo nominal nas construções com esses verbos de ligação. A distinção entre esses verbos, em particular, tem sido alvo de estudo de diversos pesquisadores, no que diz respeito, especificamente, a atribuição de características ao sujeito.

Na gramática de Cegalla (1998), em uma breve observação feita em final de página, podemos ver a descrição dos verbos copulares *ser* e *estar* quanto a suas características de qualidade atribuída ao sujeito:

[o]s verbos de ligação não servem apenas de nexos, mas exprimem ainda diversos aspectos sob os quais se considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo *ser*, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo *estar*, aspecto transitório: // Ele é doente. → aspecto permanente // Ele está doente. → aspecto transitório (CEGALLA, 1998, p. 309)

Aspecto esse estudado e analisado na teoria gramatical por Carlson (1977), anos antes, que propõe os termos *individual level* para predicados que vão com uma cópula como *ser* e *stage level* para predicados que vão com uma cópula como *estar*, em relação às características dessa atribuição, as quais podem ser aplicadas também às cópulas do português. Dito isso, enquanto o primeiro termo diz respeito a um predicado ligado a aspectos mais permanentes e menos mutáveis (*As estrelas são brilhantes*⁸), o segundo termo diz respeito a um predicado ligado a aspectos menos permanentes e mais transitórios (*Os alunos estão de férias*⁹).

De acordo com Raposo *et al* (2013, p. 1304), “dentro das famílias românicas, as línguas ibéricas caracterizam-se por terem dois verbos de cópula, *ser* e *estar*, usados produtivamente em orações copulares com características aspetuais distintas”. No português, e no espanhol, por exemplo, o verbo *ser* estaria mais ligado ao primeiro termo de Carlson (1977), enquanto *estar* estaria, por sua vez, mais ligado ao segundo. Apresentaremos um em contraste com o outro de modo a descrevê-los, mas, nosso foco no presente trabalho é apenas o verbo copular *ser*, no entanto.

Dando continuidade ao estudo desses verbos, é comum em gramáticas prescritivas a ideia de que o único objetivo desses verbos seria a ligação, ou a cópula, entre dois elementos sentenciais (dois sintagmas, em nossa base descritiva), um que seria o sujeito e outro que seria o predicado da sentença, seu predicativo. Dito de outra maneira, diferentemente de verbos como “beijar”, por exemplo, eles não possuiriam uma *grelha argumental* (para usar um termo de análise sintática) funcionando apenas como elemento de ligação entre o predador e o sujeito da predicação, como podemos observar nos dados retirados do *corpus* do PHPB que são apresentados de (6) a (10) abaixo.

(6) e, se não morrer cedo, tem ali de figurar, inevitavel=|mente nos primeiros cargos inclusive o dePresidente da| Republicueta, e como, bom ou mau,sã~~o~~esses os vesinhos mais| proximos quetemos convem nos entreter com elles rellações de| boa vesinhança, (PHPB, MG, 1860)

(7) que poucos saõ felizes, (PHPB, SP, 1801)

(8) e mais direitos e alem disto muitos que prezumen interpretar o direito fazendo diferenças de conhe cenças a Aleluyas Se enganaõ porque hũa e outra Couza Saõ oblaçoins para a susten taçaõ dos menistros do Santuario as quais de voluntarias em outro tempo paçaraõ nesse ssarias, (PHPB, PR, 1803)

⁸ Dado de introspecção.

⁹ Dado de introspecção.

- (9) que elas saõ suficientes para eles, (PHPB, PB, 1800)
- (10) As utilidades que Se Segue na abertura deste Caminho as duas Vilas Antonina e Curitiba saõ as que relatamos: (PHPB, PR, 1798)

De acordo com Raposo *et al*(2013, p. 1298), mesmo estes verbos não contribuindo para a descrição de um estado ou para a atribuição de uma propriedade que se apresenta por meio do predicado nominal, no entanto, eles enquadrariam tanto aspectualmente quanto modalmente esse estado ou propriedade atribuído ao sujeito da sentença copular, fazendo mais, assim, do que apenas manter juntos dois sintagmas.

Molina (2008), ao estudar as cópulas *ser* e *estar* do espanhol (que são muito semelhantes às cópulas *ser* e *estar* do português), também se debruça sobre a diferença entre elas, analisando não só a natureza desses verbos, como também a natureza do sujeito e do predicado ligado por eles. A autora se debruça especialmente sobre os termos e teorias desenvolvidos por Carlson (1977), mencionados anteriormente, mas, segue pela vertente de Escandeli e Leonetti (2002 *apud* MOLINA, 2008, p. 5), na qual os predicados de estado seriam aqueles que estariam ligados diretamente a uma variável espaço-temporal, enquanto os predicados de indivíduo estariam ligados a aspectos classificatórios, na qual o sujeito estaria classificado como pertencente a um grupo específico (MOLINA, 2008, p. 5), assim como visto em Kratzer (1995 *apud* MOLINA, 2008, p. 5).

Partiremos de algumas descrições da autora sobre o espanhol para (i) descrever algumas das características das sentenças copulares, nesta seção sendo apresentadas; e (ii) fazer uma comparação, mesmo que superficial, do português com o espanhol de modo a vislumbrar certas características daquilo que entendemos como sentenças copulares que parecem ser comuns a ambas as línguas.

A autora parte da observação de que alguns predicados podem apenas aparecer com uma cópula específica no espanhol e não com a outra:

- (11) Tu mujer es / *está {inteligente/ de Madrid / amada por todo el mundo}¹⁰
- (12) Maria *es / está {despedida / cansada / de rodillas}¹¹

No português, podemos observar as mesmas restrições, com exceção de alguns predicativos que em nossa língua podem ocorrer com ambas as cópulas, diferentemente do

¹⁰Dado encontrados em Molina (2008, p.6)

¹¹Dado encontrados em Molina (2008, p.6)

que a autora aponta para o espanhol, como é o caso de “inteligente” e de “demitida” (que também pode ser usada com “ser”, por exemplo: *está/foi demitida*), ou com exceção dos predicativos que mudam de cópula em nossa língua:

- (13) Tua mulher é /*está {de Madri / amada por todo o mundo}¹²
 (14) Maria *é/está {cansada / ajoelhada}¹³

Ela também apresenta o fato de que no espanhol a cópula de estado, *estar*, não poderia ser usada quando o predicativo for um nome (sintagma nominal):

- (15) Javier es profesor¹⁴
 (16) *Javier está profesor (pero pronto será jubilado)¹⁵

O que parece ser verdade também para o português, como podemos observar a seguir, se nada mais for acrescentado a sentença:

- (17) Javier é professor¹⁶
 (18) *Javier está professor¹⁷

Embora de forma teoricamente mais direcionada, a autora também aponta para o fato de que alguns predicativos, em especial, adjetivos, podem aparecer no espanhol com ambas as cópulas, como é o caso de (19), o que parece ser verdadeiro também para o português, como é possível observar em (20):

- (19) Juan **es/está** gordo/feliz/inquieto/tranquilo...¹⁸
 (20) João**é/está** gorda/feliz/inquieto/tranquilo...

Outros aspectos das sentenças copulares também devem ser apontados, como, por exemplo, o fato de o predador, e não a cópula, ser aquele que faria restrições ao sujeito. Os

¹² Dado com base na tradução do dado em (11).

¹³ Dado com base na tradução do dado em (12).

¹⁴ Dado encontrados em Molina (2008, p.6)

¹⁵ Dado encontrados em Molina (2008, p.6)

¹⁶ Dado com base na tradução do dado em (15).

¹⁷ Dado com base na tradução do dado em (16).

¹⁸ Dado encontrados em Molina (2008, p.11)

mesmos sujeitos que ocorreram com a cópula em uma sentença, sofrem restrições a depender do predicado. No que diz respeito ao predicado dessas sentenças, por sua vez, estes podem ser: adjetival (AP), como de (21) a (23); nominal (DP, NP), como de (24) até (26); preposicional (PP), como em (27); ou adverbial (AdvP), como em (28-29).¹⁹

- (21) Eu bem queria dar principio a habiliatr-me pa. por ao peito/ o habito de Christo, cuja merce me derão os Tios de Ferral, porem como/ pa. isto me são percizas 30 moedas nada posso fazer. (PHPB, MG, 1792)
- (22) porem tudo isto se malogrou de / pois q chegamos as Ilhas, onde forão tão continuas as tempestades, q entre sustos, e / sobresaltos se dispergiu algumas vezes a Frota, e por ultimo lhe entrarmos neste Porto. / (PHPB, MG, 1766)
- (23) Ordeno aVossa Senhoria, quetodos os que se achão encarregados dos Cortes dodito Paũ, sejaõ obrigados adar a Vossa Senhoria huma Lista exacta de quanto tem cortado p Vossa Senhoria (PHPB, PB, 1775)
- (24) OsCapitans mays caoases diaPresentamen|to, saõ, Manoel Carvalho, Antonio Pereyra de Aze|vedo, Manoel da Rocha Lima, Eusébio deoLIVEIRA,| Manoel da Fonseca Jayme, Manoel Marques, Luis| Lobo, Pedro Roiz Plasidio de Azevedo, (PHPB, PE, 1710)
- (25) , alhe ochegarem| apersuadir ao Reverendo Bispo que nõs foramosacausa do dito levante (PHPB, PE, 1711)
- (26) Trez saõ os fins porque esta obra se devia fazer, primeyro a defença de alguma| barra, (PHPB, PE, 1713)
- (27) O Pedro é de Lisboa.²⁰
- (28) O dia é hoje.²¹
- (29) A reunião é ali.²²

O que condiz com o que Raposo *et al* (2013, p. 1291) aponta sobre os predicadores de sentenças copulares. A esse respeito, o autor aponta os adjetivos, e a eles ele inclui os participios (como parece ser o caso de dados como (23)), como sendo os predicadores mais

¹⁹ Os dados de (21) a (27), como deve ser possível observar nas informações entre parênteses, pertencem ao *corpus* do PHPB. De agora em diante, a única menção quanto a proveniência dos dados do PHPB será aquela entre parênteses, de modo que o leitor deve estar atento a essa informação no corpo do texto.

²⁰ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1291).

²¹ Dado de introspecção.

²² Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1291).

comuns nessas sentenças somados aos nomes (RAPOSO *et al*, 2013, p.1291). De acordo com ele, ainda, quanto ao mesmo tópico, “o conteúdo semântico do predicado pode também ser veiculado por um sintagma preposicional [...] ou (de forma mais restrita) por um sintagma adverbial [...]. Nesses casos, o predador é, respetivamente, uma preposição e um advérbio” (RAPOSO *et al*, 2013, p. 1291), o que corrobora os tipos de predicado acima apontados e exemplificados.

Podemos observar a restrição aplicada ao sujeito pelo predicativo ao observar os dados de introspecção abaixo:

(30) A planta é vistosa.²³

(31) *A planta é sábia.²⁴

Em (31) o sintagma nominal sujeito *a planta* pode ocorrer com a cópula *ser* sem prejuízo a gramaticalidade da frase. Em (32), o mesmo sintagma nominal é empregado, mas a sentença se torna agramatical, mesmo que o sujeito e a cópula sejam os mesmos, e, mesmo que o predicativo também seja um sintagma adjetival. Esse simples teste demonstra que o que impõe restrições ao sintagma sujeito é o predicativo e não o verbo de ligação, tendo em vista que o único motivo para (32) ser agramatical é o fato de que “planta” não possui os traços semânticos necessários à condição de ser sábio, ser mais humano.

Enquanto que o predicativo seria aquele que restringiria e selecionaria semanticamente o sujeito, como vimos anteriormente, as cópulas, no entanto, também parecem ter restrições, uma vez que a ligação não seria o único papel das cópulas no português. Essas restrições diriam respeito ao predicativo com os quais elas podem aparecer, como é possível observar acima, por exemplo, em (13), (14), (17) e (18), o que nos leva, também, as colocações de Raposo *et al*(2013) acima mencionadas, quanto ao enquadramento aspectual e modal realizado pela cópula. E, além disso, segundo o mesmo autor(RAPOSO *et al*, 2013, p. 1298),elas também serviriam para dar suporte morfológico ao sujeito quanto às marcas flexionais de pessoa e número, assim como as de tempo, modo e aspecto, essas duas últimas já mencionadas (sobre a questão da concordância nos debruçaremos apenas na próxima seção).

Em Raposo *et al*(2013, p. 1300-1304),os autores dissertam, ainda, sobre os dois critérios para identificar um verbo como sendo copulativo: sua transparência semântica e a

²³ Dado de introspecção.

²⁴ Dado de introspecção.

possibilidade de ele se combinar com um adjetivo, ambos mais ou menos apontados anteriormente, de forma indireta. A primeira característica diz respeito ao fato, antes mencionado, de a cópula não contribuir para o significado da predicação, uma vez que o predicativo é que impõe restrições semânticas ao sujeito, como em (30) e (31) acima e como (32), (33), (34) e (35) em contraste com (36), (37), (38) e (39) abaixo:

- (32) A criança está [mascarada de minhoca] → Sujeito [+humano]²⁵
 (33) O cavalo está [com fome] → Sujeito [+animado]²⁶
 (34) O muro está [rachado] → Sujeito [- animado]²⁷
 (35) O debate está [aceso] → Sujeito [+ abstrato]²⁸
 (36) *A criança está [rachada]²⁹
 (37) *O cavalo está [mascarado de minhoto]³⁰
 (38) *O muro está [aceso]³¹
 (39) *O debate está [com fome]³²

O que indicaria que, segundo Raposo *et al* (2013, p. 1301), “os verbos copulativos não têm ‘poder de escolha’ sobre os valores das várias dimensões que costumam ser sensíveis à seleção semântica do sujeito, incluindo os traços [± humano], [± animado] e [± concreto]”, o que, de certo modo, já foi apontado em momento anterior. Dizer, então, segundo os autores, que esses verbos não impõem por eles mesmos restrições de seleção semântica ao sujeito, seria o mesmo que dizer que esses verbos são transparentes quanto a essas propriedades semânticas do sujeito (RAPOSO *et al*, 2013, p. 1301), o que seria uma característica própria desse tipo de verbo.

A segunda característica apontada por ele, que, juntamente com a transparência semântica do verbo, identificaria as cópulas seria o fato de elas poderem se combinar com um sintagma adjetival, ou seja, ter um adjetivo como predicativo, como em (40) e (41), (mesmo esta não sendo uma propriedade que somente as cópulas possuiriam, como em (42) e (43)³³:

²⁵ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1301).

²⁶ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1301).

²⁷ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

²⁸ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

²⁹ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

³⁰ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

³¹ Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

³² Dado proveniente de Raposo *et al* (2013, p. 1302).

³³ Os dados de (40) até (43) são provenientes de Raposo *et al* (2013, p. 1303).

- (40) O João é parvo.
 (41) O jardim está lindo.
 (42) A Isabel passou por parva.
 (43) A Manuela passeou contente.

Uma vez que o adjetivo não poderia figurar como complemento de verbos como *comprar*, por exemplo: **A Maria comprou [AP bonito]*. Isso se mostra verdadeiro, uma vez que a interpretação desse dado introspectivo que vem à mente é prontamente o fato de que “bonito” seria um lugar ou uma coisa: *A Maria comprou [NP Bonito]*.

1.3 TIPOS DE SENTENÇAS COPULARES

Tendo dissertado até aqui sobre as características principais desse tipo de verbo e de sentença, nos resta, ainda, apresentar, mesmo que de modo panorâmico, os tipos de sentenças copulares que podem resultar desse tipo de estrutura de ligação, uma vez que tipos diferentes de sentenças podem se formar a depender da cópula, do sintagma com função de sujeito e do sintagma com função de predicado. Sendo assim, apresentaremos a tipologia de Higgins (1976 *apud* SIBALDO, 2011, p. 52), segundo a qual haveria quatro tipos de estrutura com cópula: as estruturas predicacionais, as de identidade (ou equativas), as especificacionais e a identificacionais.

As primeiras, as *predicacionais*, podem ser chamadas também de atributivas, uma vez que tem como função a atribuição de uma dada característica a um determinado indivíduo, ser, objeto ou situação, como o dado em (44) abaixo, presente em Sibaldo (2011, p.45), cujo predicativo é nominal (DP, com determinante indefinido singular) e o dado em (45), presente em Moura (2007, p. 68), cujo predicativo é um adjetivo

- (44) O João é [um assaltante de bancos].
 (45) João é [estudioso].

As segundas, as *equativas* ou *identificacionais*, expressam identidade e têm por estrutura a ligação de dois sintagmas nominais com o mesmo referente, de modo que se possa trocar um pelo outro, como em (46) abaixo, uma vez que podemos mudar a ordem dos

constituintes, ou seja, a ordem dos sintagmas nominais sem mudança nos referentes em questão, como é possível constatar em (47):

- (46) A estrela da tarde é a estrela da manhã.³⁴
 (47) A estrela da manhã é a estrela da tarde.

As sentenças *especificacionais*, por sua vez, as quais especificam o sujeito da sentença, ou seja, se especifica sobre o que se está falando, ou, ainda, de acordo com Higgins (1976, p. 132 *apud* SIBALDO, 2011, p. 52), o sujeito delimitaria e/ou estaria delimitado em um domínio, sendo o predicativo um modo de especificar, dentro desse domínio, o sujeito, como em (48):

- (48) O assaltante de bancos é o João.³⁵

Por fim, as identificacionais seriam aquelas usadas para identificar, apontar nomes de pessoas ou de coisas (*tradução livre de* HIGGING, 1976, p. 147 *apud* SIBALDO, 2011, p. 52), como é o caso de (49), abaixo:

- (49) Aquele lugar é a Ponta Verde.³⁶

No que concerne ao presente trabalho, usaremos os termos “sentenças copulares predicativas”, para toda sentença do tipo de atribuição de característica, “sentenças equativas”, para toda sentença nos termos de identidade no qual podemos trocar a posição de um sintagma nominal pelo outro (como em (46) e (47)), “sentenças possessivas”, para sentenças que indiquem ou especifiquem posse, como em (50), e, “sentenças locativas”, as quais indicam localidade, como em (51) e (52):

- (50) A herança é das netas dele.³⁷
 (51) A festa é na casa da Ana.³⁸
 (52) A carteira está em cima da cama.³⁹

³⁴ Dado proveniente de Sibaldo (2011, p. 52).

³⁵ Dado proveniente de Sibaldo (2011, p. 52).

³⁶ Dado proveniente de Sibaldo (2011, p. 52).

³⁷ Dado de introspecção.

³⁸ Dado de introspecção.

Interessante notar que em línguas como o inglês os mesmos tipos de sentenças ocorrem, mesmo que a cópula equivalente a *ser* e a *estar* seja apenas uma nessa língua, *to be*. Isso é corroborado se observamos sentenças copulares⁴⁰ predicativas no inglês como (53), ou sentenças copulativas equativas como (54) – que por sua vez podem ser identificadas pelo mesmo critério de inversão utilizado no português, ou mesmo sentenças locativas como em (55):

- (53) a. The fairies are small.
b. As fadas são pequenas.
- (54) a. Puck is Robin Goodfellow.
b. Puck é Robin Goodfellow.
- (55) a. The gnome is in the jar.
b. O gnomo está no jarro

Ao observar os dados que exemplificam sentenças copulares equativas no inglês e no português, se torna interessante observar que o mesmo tipo de sentença no espanhol acaba acontecendo com o mesmo tipo de cópula do português, a cópula *ser*, e não com a cópula *estar*, como podemos constatar em (57), o que não pode ser observado no inglês devido a ambos os verbos terem o verbo *to be* como sua forma equivalente nessa língua:

- (56) a. Maria é / *está a mulher de Pedro.⁴¹
b. Carmen es / *está la señora de Garcia⁴²

1.4 DESCRIÇÃO DAS SENTENÇAS COPULARES COM SER ATRAVÉS DE ESTRUTURA DE *SMALL CLAUSE*

Feitas essas considerações, temos ainda que apontar a forma pela qual descreveremos essas relações e características de modo estrutural de acordo com nosso modelo de descrição e análise. Sendo assim, decidimos fazer essa representação, essa descrição através de uma

³⁹ Dado de introspecção.

⁴⁰ Os dados de (53)-(55) são provenientes de Pereltsvaig (2001, p. 5 *apud* SIBALDO, 2011, p. 56)

⁴¹ Dado proveniente de Moura (2007, p. 69).

⁴² Dado proveniente de Soschen (2002 *apud* MOURA, 2007, p. 69)

estrutura de *small clause*(SC, *minioração*), uma vez que é descrição bastante usada em Gramática Gerativa para a descrição das sentenças copulares⁴³.

De acordo com Castilho (2013), partindo da teoria de minioração (SC) de Stowell (1995), a SC seria codificada enquanto um par de constituintes irmãos, em que um seria o sujeito e outro seria o predicado, possuindo a seguinte estrutura:

[MINI]ORAÇÃO
 ru
 SUJEITO PREDICADO
(CASTILHO, 2013, p. 47)

De acordo com a autora, “o predicado de uma minioração não é um verbo flexionado, como na oração plena (*full clause*), mas pode ser um verbo não flexionado (infinitivo, gerúndio, particípio passado), um adjetivo, uma preposição ou um nome” (CASTILHO, 2013, p. 47), e a depender de qual sintagma figura como predicado, os tipos de minioração também irão variar, podendo a minioração ser verbal, nominal, adjetiva ou prepositiva, de acordo com a teoria adotada (CASTILHO, 2013, p. 47). Portanto, a SC não seria “[...]a projeção de uma categoria funcional, mas a projeção lexical do predicado, sendo que o sujeito ocupa o lugar de especificador dessa projeção ou é adjungido a ele” (CASTILHO, 2013, p. 48).

Essas restrições categoriais e semânticas que estão presentes no predicado de uma SC podem ser vistas, por exemplo, nas sentenças copulares estudadas aqui, como é possível verificar nas discussões feitas anteriormente sobre as restrições semânticas que os predicados fazem aos sujeitos das sentenças copulares. Além disso, esse tipo de restrição, ou melhor, esse tipo de “transparência” do verbo que seleciona a SC é o que de fato caracteriza um verbo como sendo copular. Devido a essas questões, selecionamos a estrutura de SC para descrever sintaticamente as sentenças copulares aqui.

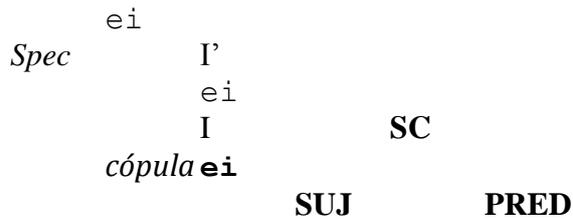
Ao tomar a estrutura de uma SC como base, então, teríamos a seguinte descrição de uma sentença copular predicativa, por exemplo (mantendo os rótulos do modelo de X-barra de modo a ser mais claro⁴⁴) seria algo como:

(57)

IP

⁴³ Nem todo pesquisador que estuda as sentenças copulares opta por uma descrição por esse meio, tendo em vista que até mesmo a existência da *Small Clause* é questão de debate para diversos autores, tanto os que estudam as cópulas quanto, e principalmente, os que não.

⁴⁴ Ver nota 5.



Mioto e Foltran (2007), em artigo intitulado *A favor das small clauses*, dissertam sobre a estrutura interna das SCs tendo em vista as características de *individual* e *stage level* anteriormente atribuídas no presente trabalho ao predicado dos verbos copulares *ser* e *estar*, respectivamente. De acordo com os autores, já de início, a categoria que seria a preferida enquanto predicado da SC seria o adjetivo, e além disso, essas mesmas SCs podem ser de tipos diferentes a depender de seu estatuto de complemento ou de adjunto e de acordo com as propriedades semânticas do adjetivo (MIOTO; FOLTRAN, 2007, p. 11).

Na primeira seção do artigo, tendo em vista a maior frequência dos adjetivos como predicado das SCs em sentenças copulares, eles se voltam para as configurações sintáticas em que os adjetivos figuram e para o seu estatuto semântico, de modo a distinguir, primeiramente, o adjetivo enquanto modificador nominal e enquanto predicador de um argumento:

Os adjetivos desempenham, conforme assentou a tradição gramatical, duas funções sintáticas: ou ele é um “modificador” nominal ou é um predicador de um argumento. No primeiro caso, o adjetivo (AP) pertence a um sintagma que, para os nossos propósitos pode ser rotulado de DP (abreviatura corrente de *Determiner Phrase - Sintagma de determinante*). Dentro do DP, ele é um adjunto do sintagma nominal (NP) [...]. No segundo caso, o adjetivo figura como um predicativo de um argumento. Se este argumento é um DP, o adjetivo não pertence a (não é dominado por) ele. O conjunto argumento e predicativo forma, para Stowell (1983), uma SC [...] (MIOTO; FOLTRAN, 2007, p. 12).

Estruturalmente, e partindo das estruturas apresentadas pelos autores, poderíamos diferenciar os dois tipos de adjetivos da seguinte maneira:

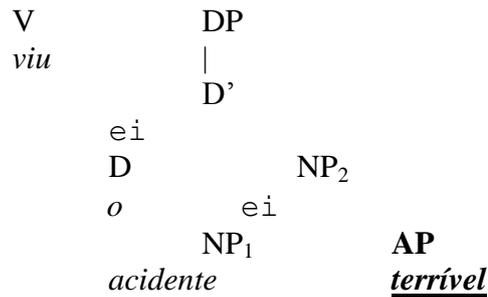
- Adjetivo adjunto do NP

○ *João viu* [_{DP} *o acidente terrível*]. (MIOTO; FOLTRAN, 2007, p. 12).

(a)

ei

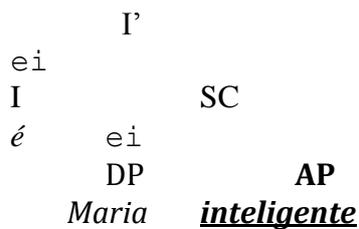
V'



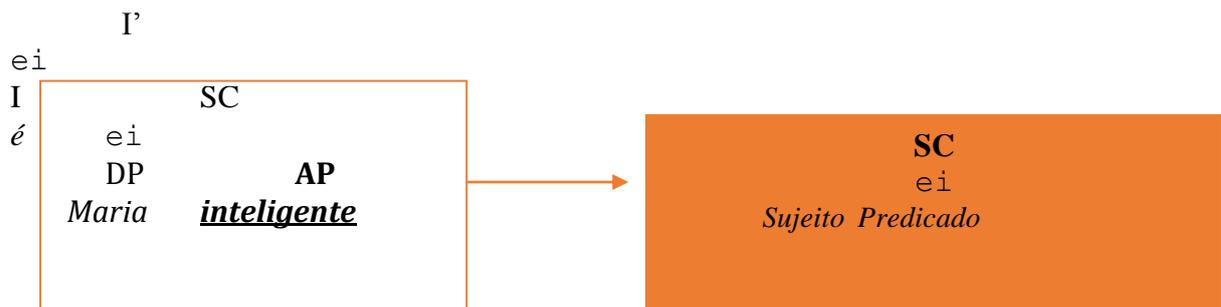
(MIOTO; FOLTRAN, 2007, p. 12).

- Adjetivo predicado
 - *Maria*é[*SC inteligente*].

(b)



(b')



Em (a) reproduzimos o exemplo dos autores para a estrutura simplificada de AP enquanto adjunto do NP, na qual podemos ver a duplicação do sintagma nominal. Enquanto isso, a estrutura em (b), na qual podemos observar que a SC está na posição de complemento de I, ou seja, da cópula. O sujeito da sentença, por sua vez se encontra no galho à esquerda da *small clause*, ou seja, está na posição de sujeito da SC, como é possível ver em (b'). O

adjetivo, por sua vez aparece no galho à direita como sendo o predicado da SC, restringindo e s-selecionando⁴⁵ o sujeito da sentença.

Em (b') substituímos os sintagmas pelos nomes dos nós terminais da SC, cuja mesma estrutura já foi apresentada anteriormente. Fica claro que o AP não é dominado por um NP ou por uma extensão do próprio núcleo A⁴⁶, mas, sim, por SC, constituindo o que já havíamos citado como sendo, *grosso modo*, a junção de dois sintagmas lexicais em uma relação de irmandade. Os autores defendem a veracidade de suas estruturas com SC se utilizando de testes, como o de clivagem, a partir dos quais a veracidade da existência da estrutura parece ser corroborada (ver MIOTO; FOLTRAN, 2007, p. 14).

Cabe notar, também, que a SC em (b) é c-selecionada como complemento de I e não pela categoria lexical V, como em (a), o que não é uma descrição e explicação aceita por alguns teóricos. Isso se deve ao fato de partirmos do pressuposto de que a cópula *ser*, por não ser um verbo pleno, semanticamente, além de ser um verbo irregular, possui apenas propriedades funcionais e, portanto, deve ser gerado já no núcleo de IP, o que, por sua vez, não é um tipo de descrição ou de análise aceita por todos os pesquisadores, mas que está sendo assumida aqui.

Mateuset *altambém*, apontam alguns argumentos em favor de uma estrutura de SC para sentenças copulares como as que estamos estudando, sendo o primeiro deles a relação que o predicado e o sujeito do predicado parecem ter, uma vez que o sujeito é selecionado e restringido por esse predicado. O segundo argumento diz respeito ao clítico demonstrativo invariável *o*: segundo os autores, esse elemento pronominal pode tanto substituir o predicativo do sujeito quanto domínios de predicação, cujos exemplos por ele apresentados reproduzimos a seguir em (58):

(58)

- i. A Maria é simpática e a Ana também *o* é.⁴⁷
- ii. O João considera [o problema irresolúvel] e o Pedro também *o* considera.⁴⁸
- iii. O João disse [que estava cansado] e a Ana também *o* disse.⁴⁹

⁴⁵ *S-selecionar* um argumento significa selecionar um argumento com base nos traços semânticos que formariam esse argumento. O que seria diferente da *c-seleção*, que seria uma seleção de argumentos com base apenas na categoria do argumento e não com base nos seus traços semânticos.

⁴⁶ Embora essa seja uma possibilidade de análise, não é a assumida aqui, como é possível verificar no decorrer do texto.

⁴⁷ Dado proveniente de Mateus *et al* (2003, p. 542).

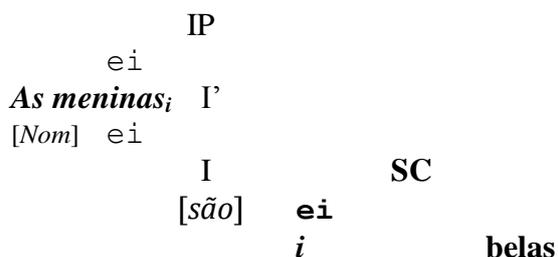
⁴⁸ Dado proveniente de Mateus *et al* (2003, p. 542).

⁴⁹ Dado proveniente de Mateus *et al* (2003, p. 542).

Ao que parece, de acordo com os autores, sentenças copulares, assim como sentenças com verbos inacusativos, ao não ter papel temático externo, não podem atribuir Caso acusativo ao seu complemento, como pressuposto pela *Generalização de Burzio* (1986)⁵⁰. Sendo assim, o item lexical nominal que é sujeito da SC precisa se mover para uma posição na qual possa receber Caso.

O sujeito de uma sentença copular pode ser, de acordo com eles, então, (i) pré-verbal, quando o sintagma nominal move-se para Spec/IP para receber Caso Nominativo, desencadeando concordância verbal, como em (59), ou (ii) pós-verbal, quando o sujeito move-se para Spec/VP, onde recebe Nom por c-comando do verbo amalgamado com I. No segundo caso, portanto, os autores assumem que a cópula seria um verbo pleno e portanto gerada em V, não sendo o que assumimos, no entanto.

(59) Sentença copular com sujeito pré-verbal (*As meninas são belas*)



Portanto, no que concerne aos verbos de ligação, os verbos copulares do PB, em estudos, nasua maioria não brasileiros (MORO, 2007; OLIVEIRA, 2001; SERA, 1992; SHMITT; MILLER, 2007; entre outros), tendem a observar esses dois verbos em particular devido a eles constituírem fenômeno interessante para diversas vertentes do conhecimento linguístico.

Vimos também que as duas formas lexicais, embora compartilhem muitas características semelhantes, não se equivalem em nossa língua, o que constitui, em parte, o interesse por esses dois verbos. Temos, então, a cópula *ser*, nosso alvo aqui, utilizada, assim, em sentenças com propriedades e sentidos mais permanentes e menos mutáveis, como em *A cidade é grande*, *Ela é minha filha* ou *Pedro é o soldado ferido*. Em todas essas sentenças, sem partir de uma premissa pragmática, as propriedades dos predicados não são do tipo que mudam com facilidade (a cidade dificilmente será percebida como pequena da noite para o

⁵⁰ Segundo a qual “[...] um verbo atribui Caso acusativo ao seu objeto se e só se atribuir papel temático externo (DUARTE, 2003, p. 517)

dia, assim como Pedro não deixará de ser o soldado ferido enquanto o for), e, até mesmo, podemos observar propriedades que são inerentes ao sujeito (se nasce filha, se torna filha, mas não se deixa de ser filha).

Em nossa sociedade, inclusive, temos uma questão “sociocultural” que é gerada justamente devido ao uso da cópula e sua natureza: quando queremos cumprimentar alguma qualidade de alguém, que em nossa opinião se destaca naquele período e lugar no tempo, tendemos a dizer coisas como *Você está linda (hoje)!* ou *Como você está inteligente!*, por exemplo. A gramática é absolutamente apropriada para esse tipo de estrutura em nossa língua, sendo, portanto, gramatical para nós falantes, não causando nenhum desconforto do ponto de vista sintático. No entanto, esse tipo de estrutura nos rende respostas como *Só hoje?* ou *“Estou”, não. “Sou”*.

Não queremos adentrar em âmbitos pragmáticos aqui. Essa discussão pretende mostrar como o falante de nossa língua tem certo grau de consciência quanto às propriedades diferentes dessas cópulas em específico, sendo a escolha entre uma e outra, assim como as propriedades e sentidos relacionados a elas facilmente apreendidos, o que consiste em tarefa de execução pragmática difícil para aprendizes de português falantes naturais de línguas com apenas uma cópula para as mesmas propriedades, como seria o caso do inglês. Não é difícil encontrar, por essa razão, trabalhos que entre seus objetivos esteja a verificação quanto a se falantes de línguas como o espanhol e o português realmente observariam diferenças de estado provenientes do uso de uma ou de outra forma da cópula de estado (SERA, 1992).

Concentrando-nos apenas na cópula *ser*, agora, também dissertamos sobre o fato de que nem todas as sentenças copulares com esse mesmo verbo agem da mesma maneira, ou têm as mesmas características. As sentenças copulares, portanto, podem ser de tipos diferentes, como é o caso das: atributivas (60), quando o predicado atribui uma qualidade ou estado ao sujeito da sentença copular; equativas (61), quando o sujeito e o predicado da sentença copular são equivalentes; locativas (62), quando o predicado da oração atribui localização ao sujeito; e, possessivas (63), quando a cópula aponta para uma relação de posse entre o sujeito e o predicado da sentença copular, dentre outras.

(60) Entre nós vae tudo assim, assim na doce e esperança de revermos os nossos filhos aqui, breve, desde que as condições climaticassão melhores. (PHPB, RJ, 1886)

(61) As companhias são a “Nothern e Prevedente” (PHPB, SP, 1900)

- (62) A festa éna rua de baixo.⁵¹
 (63) A herança éminha.⁵²

Quanto ao predicado, como vimos anteriormente e segundo Mateuset *al*, “[...] é o item lexical com grelha temática, ou seja, o núcleo do predicado em combinação com os seus argumentos internos. *Grosso modo*, podemos dizer que o predicado equivale ao constituinte sintático que denota a propriedade atribuída ao seu sujeito”. Enquanto isso, a cópula, por sua vez, não faria parte do predicado (SIBALDO, 2009, p. 26).

Com isso, encerramos nossas considerações iniciais e gerais acerca do que seria uma sentença copular e um verbo copular, além de apresentarmos de forma breve os tipos de sentença nas quais as sentenças copulares se desdobram, tendo em vista que nosso *corpus* é composto por, de modo geral, sentenças equativas e predicativas, nosso foco sendo nesta última, por ser a mais frequente e por podermos observar nela alguma variação, mesmo que pequena, quanto à concordância, fenômeno estudado aqui.

A seguir nos debruçaremos sobre o fenômeno aqui analisado: a concordância verbal, de modo a estabelecer de onde partimos em nossa análise e por quais caminhos uma análise de concordância pode vir a se dar, de forma geral, tendo em vista as inúmeras possibilidades de análise.

⁵¹ Dado de introspecção.

⁵² Dado de introspecção.

2 CONCORDÂNCIA

A concordância, enquanto fenômeno linguístico vem sendo estudada há muito tempo tanto por gramáticos, como por linguistas formalistas, quanto por linguistas funcionalistas. Embora possa parecer que tudo já foi dito sobre concordância (ARAÚJO, 2012, 2014; GRACIOSA, 1991; MATTOS E SILVA, 1989; MONGUILHOTT, 2009; NARO; SCHERRE, 2007; entre tantos outros e sob tantos outros aspectos), ao nos debruçarmos mesmo que superficialmente sobre o assunto, ainda carecemos de trabalhos específicos quanto à concordância, como, por exemplo, no que diz respeito às sentenças copulares. E, para cada trabalho realizado sobre concordância, parece haver uma teoria diferente, uma descrição diferente para o mesmo fenômeno ainda hoje.

2.1 A CONCORDÂNCIA DE ACORDO COM A GRAMÁTICA TRADICIONAL

Tradicionalmente, a concordância é entendida como “[...] o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem” (CEGALLA, 1998, p. 390). Ao tipo de concordância na qual “os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem” (CEGALLA, 1998, p. 390) chama-se de concordância nominal. Já a concordância de número e pessoa entre o verbo e o sujeito é denominada na tradição como sendo concordância verbal (CEGALLA, 1998, p. 390).

Bechara (2009 [1928], P. 543), por sua vez, assume que “[e]m português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”. O autor aponta, assim como Cegalla (1998), acima, que existem dois tipos de concordância, a verbal e a nominal.

Segundo Bechara (2009 [1928], p. 543), a concordância nominal seria aquela na qual se verifica quanto ao “gênero e número entre e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou o pronome (palavras determinadas) a que se referem”, como no exemplo abaixo apresentado por ele:

- (64) “O capitão rosou *alguma* coisa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois à luz de uma lanterna, leu uma ode horaciana sobre a liberdade da vida *marítima*” [MA.1,65].⁵³

No exemplo vemos que o numeral “dous”, por exemplo, concorda em número com a palavra “passos”, enquanto que os determinantes também concordam em gênero e número com os substantivos, como é o caso de “a mão”, e não “*o mão” ou “as mão”, ou mesmo, “*os mãos”.

Ainda, segundo o mesmo autor, a concordância verbal seria, por sua vez, “a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração” (2009 [1928], p. 543), como em (65).

- (65) Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava* cair as pálpebras” [MA.1, 183].⁵⁴

Em (65), vemos a concordância verbal, por exemplo entre o sujeito “os outros” (terceira pessoa do plural) e os verbo, “falavam”, ao invés de “falava”, por exemplo. Ou entre o sujeito “ela” (terceira pessoa do singular) e o verbo “olhava”. Em ambos os exemplos destacados, podemos observar que o sujeito concorda em pessoa e em número com o verbo.

Pensando nisso, a concordância poderia ser, segundo ele, “de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*” (BECHARA, 2009 [1928], p. 543), esta última como em (68), no qual podemos observar que tanto o verbo “vociferava” quanto o verbo “chegassem” concordam com o mesmo sujeito, “a plebe”:

- (66) “A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida feita pedaços pelo tropel furioso” [AH.2, 41].⁵⁵

Isso é possível tendo em vista que o primeiro verbo concorda com a *palavra* “a plebe” (terceira pessoa do singular), enquanto que o segundo verbo concorda com o *sentido* da

⁵³ Dado proveniente de Bechara (2009 [1928], p. 543).

⁵⁴ Dado proveniente de Bechara (2009 [1928], p. 543).

⁵⁵ Dado proveniente de Bechara (2009 [1928], p. 544).

palavra, ou seja, concorda com a informação semântica de que “a plebe” engloba diversas pessoas, fazendo com que o verbo concorde com a terceira pessoa do plural.

Feitas estas considerações gerais quanto ao que seria a concordância nominal e verbal para uma vertente mais tradicional ou prescritiva, apresentaremos adiante, algumas considerações breves quanto a como alguns estudos sociolinguísticos têm analisado e encarado o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro (PB), uma vez que os estudos sobre concordância no Brasil são extremamente frutíferos e abrangentes nessa vertente.

Não faremos um levantamento dos trabalhos de concordância do português, uma vez que não visamos analisar o fenômeno da concordância verbal em si no português, o que já vem sendo feito por diversos pesquisadores no decorrer dos anos. Apresentaremos, portanto, apenas aspectos que nos parecem ser importantes para a análise de alguns aspectos das sentenças copulares que estudamos aqui quanto ao aspecto da concordância, mesmo que a base teórica da presente dissertação seja de ordem gerativista, não nos comprometendo, portanto, com a teoria sociolinguística.

2.2 NOTAS BREVES SOBRE SALIÊNCIA FÔNICA E REGRAS TIPOLÓGICAS DE VARIAÇÃO LABOVIANA

Excetuando o caráter normativo, as descrições acima quanto ao que seria “concordância”, não são muito diferentes da definição de autores como Azalim, *et al*(2018), que entendem a concordância, partindo de Trask (2004), como sendo “o fenômeno gramatical no qual a forma de uma palavra numa sentença [ou em um sintagma] é determinada pela forma de uma outra palavra com a qual tem alguma ligação gramatical” (TRASK, 2004, p. 61 *apud* Azalim *et al*, 2018, p. 514-515). Sem pensar nesse momento em ligações teórico-descritivas, essa é uma descrição geral que abarca o fenômeno da concordância, tanto no que concerne ao que a tradição aponta como concordância verbal, quanto como concordância nominal.

No que diz respeito aos trabalhos sociolinguísticos sobre esse fenômeno, diversos já são os trabalhos sobre a concordância verbal e nominal no português, como é o caso de trabalhos como os de Brandão (2011, 2013), Brandão e Vieira (2012), entre outros, os quais, por sua vez, fazem uso das regras tipológicas labovianas (LABOV, 2003), que se faz

interessante saber para melhor qualificar e classificar os resultados quantitativos obtidos, são: regras categóricas, regras variáveis e regras semicategóricas.

Segundo Vieira (2014, p. 85), a regra categórica diz respeito a 100% de frequência com que o fenômeno estudado opera, com nenhuma violação a operação da regra; a regra semicategórica diz respeito a uma frequência de 95-99% com que o fenômeno estudado opera, possuindo, portanto, violações raras e relatáveis a operação da regra; e, por fim, a regra do tipo variável, que seria aquela com frequência que iria de 5% até 95% da operação da regra do fenômeno estudado.

Partindo, ainda, de Vieira (2014, p. 92), e pensando nessa tipologia de regras quanto ao fenômeno da concordância, no que tange à concordância verbal de terceira pessoa do plural, a autora aponta para o fato de só poder haver formas alternantes nessa pessoa e número. A autora, por exemplo, parte dos trabalhos de Naro (1981), Graciosa (1991), Vieira (1995), Scherre e Naro (1997), Monguilhott (2009), entre outros, de modo a argumentar que, diferente do português de Portugal, o português do Brasil apresentaria variação no fenômeno da concordância (VIEIRA, 2014, p. 92-93).

Ela, apresenta o quantitativo efetivo da presença de marca de concordância verbal de terceira pessoa do plural no estudo de Vieira e Bazenga (2013), o qual aponta para uma diminuição na frequência de concordância verbal de terceira pessoa do plural, em oposição ao português de Portugal, como a frequência de 78,2% na amostra de Nova Iguaçu e de 88,1% da amostra de Copacabana parecem indicar, se tratando, portanto, pensando na tipologia de regras laboviana, de uma regra do tipo variável para a concordância de terceira pessoa do plural do português (VIEIRA, 2014, p. 93-94).

Além das questões tipológicas das regras labovianas brevemente elencadas acima tendo em vista o fenômeno abordado, também precisamos introduzir de forma geral outro aspecto proveniente de trabalhos sociolinguísticos sobre concordância, que figura na grande maioria dos trabalhos da área, seja nos trabalhos acima citados ou em outros, e o qual não se pode deixar de lado: *saliência fônica*, a qual é variável relevante na maioria dos trabalhos, incluindo os trabalhos levantados por Vieira (2014), por exemplo.

Essa variável, em especial, é controlada em inúmeras análises de inúmeras pesquisas sobre concordância no Brasil, uma vez que de acordo com Lopes e Scherre (2014), Scherre e Naro (1998), Chaves (2014) e Azalim *at al* (2018), entre outros, o fenômeno da saliência fônica parece influenciar na frequência com que a ocorrência de concordância visível e de concordância não visível ocorre.

Falar da saliência fônica aqui, no entanto, não é um meio para descrever ou caracterizar trabalhos sobre concordância já realizados (sobre os quais o leitor pode se aprofundar indo direto à fonte), mas, sim, o levantamos por ser aspecto necessário à discussão e análise no presente trabalho, de modo a explicar alguns resultados por nós obtidos e sobre os quais falaremos em momento posterior.

Sendo assim, segundo Lopes e Scherre (2014, p. 69), “o Princípio da Saliência Fônica consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Em Scherre e Naro (1998), os autores citam Naro (1981, p. 73-78) de modo a apresentar os critérios comuns do estabelecimento da presença e ausência da saliência, dentre os quais está “[...] a quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma do plural” (SCHERRE; NARO, 1998, p. 3), como, por exemplo, em (67), em que podemos ver uma grande diferença entre o material fônico na forma singular do verbo em relação à forma no plural.

(67) É → São / Sou → Somos / Fiz → Fizemos

Se observarmos o quadro abaixo com as conjugações de *ser* no modo indicativo, podemos ver que a saliência fônica de *ser*, portanto, é muito grande.

Quadro 1 - Quadro com as conjugações do verbo *ser* no modo indicativo

INDICATIVO	PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
	Sou	Fui
	És ⁵⁶	Foste
	É	Foi
	Somos	Fomos
	Sois	Fostes
	São	Foram
	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO ⁵⁷
	Era	Fora
	Eras	Foras
	Era	Fora
	Éramos	Fôramos
	Éreis	Fôreis
	Eram	Foram
	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
	Serei	Seria

⁵⁶ Lembrando que a concordância de verbos cujo sujeito está na segunda pessoa do singular foi sendo diminuída com o passar do tempo.

⁵⁷ Pouco usado.

	Serás	Serías
	Será	Seria
	Seremos	Seríamos
	Sereis	Seríeis
	Serão	Seriam

Fonte: Produção da própria autora

No quadro acima, apenas com o exemplo da conjugação do verbo no indicativo, podemos observar que o verbo *ser* é de fato muito saliente foneticamente se focarmos nas diferenças entre o singular (as três primeiras formas do verbo de cada tempo) e o plural (as três últimas formas do verbo em cada tempo). Este aspecto é importante para a análise dos resultados quantitativos de nossos dados, como poderá ser visto na seção de análise da presente dissertação.

2.3 A CONCORDÂNCIA NA TEORIA GERATIVA

No que tange à teoria de explicação e descrição gerativista, por sua vez, a concordância sempre foi um tópico de discussão. Em *Princípios e Parâmetros*, por exemplo, ela era entendida como a satisfação de requisitos para a formulação de sentenças por meio de relações e processos obrigatórios pelos quais os sintagmas deviam passar, se dando por meio ou da relação de regência⁵⁸ ou por meio da relação entre especificador e núcleo.

Aqui entendemos a concordância por meio de três processos, meios, mecanismos sob a perspectiva minimalista: um a nível da sentença, que se daria entre sintagmas numa hierarquia assimétrica: *Agree*, que explicaria a concordância verbal, por exemplo, como em (68), no qual o sujeito concordaria com o verbo em número e pessoa; outro que se daria no domínio de um DP: *Concord*, através de *Merge*, o qual daria conta do que entende-se como concordância nominal, como em (69), ou seja, o que explicaria a concordância existente entre os elementos que formam um sintagma nominal; e, por fim, um que se daria no contexto especial de uma relação de irmandade, como acontece entre os sintagmas que compõem uma SC: *Merge Concord*, sobre a qual falaremos um pouco mais adiante.

(68) As portas do céu são amplas, mas distantes.⁵⁹

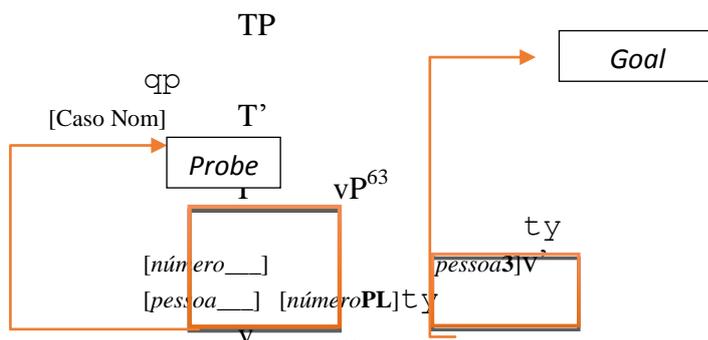
⁵⁸ Relação na qual um núcleo lexical X ou o núcleo funcional I m-comandaria um determinado item que não estaria separado de X por uma projeção máxima, ou seja, X não dominaria o item em questão. Ou seja, para que X m-comande um determinado item, X não o pode dominar e a mesma projeção que dominar X também deve dominar esse item em questão.

⁵⁹ Dado de introspecção.

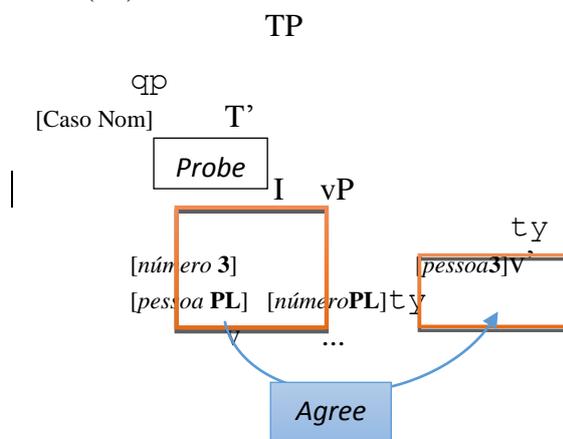
(69) As belas meninas.⁶⁰

Partindo de Chomsky (2001) e nos apoiando em textos em português como os de Magalhães (2004), Simioni (2007) e de Silva, Moura e Cerqueira (2012), concluímos e assumimos que *Agree* seria a relação estabelecida entre dois elementos, dois sintagmas, um que seria a *sonda* (*probe*) e o outro *alvo* (*goal*). O elemento *probe* possuiria traços-*phi* não valorados e um traço de Caso valorado⁶¹ que busca dentro do seu domínio um elemento *goal* disponível (ou seja, sem traço de Caso valorado) com os mesmos traços-*phi* (pessoa, gênero e número), só que, por sua vez, valorados, de modo a haver a combinação entre eles, *Match*. A sonda, por sua vez, não possui alcance infinito. *Agree*, portanto, não acontece em uma relação muito longa, por isso que a sonda alcançará o primeiro sintagma nominal que encontrar, ou seja, o alvo deve ser aquele que, atendidos os requisitos, estiver em relação mais próxima de c-comando⁶².

(70)



(71)



⁶⁰ Dado de introspecção.

⁶¹ Pesetsky & Torrego (2001) para Caso como elemento passível de valoração pela sonda.

⁶² X c-comanda Y se e só se Y for irmão de A ou filho, bineto, etc do irmão de A.

⁶³ Lê-se “vizinho P”.

Depois que *Agree* acontece, (71), os traços-*phi* de T são valorados e apagados para o sistema computacional. Dessa maneira se daria a concordância entre o sujeito e a flexão verbal. Como isso se daria nas sentenças copulares que analisamos será apresentado na seção de análise do presente trabalho.

Por isso que a distinção feita por Mioto e Foltran (2007) apresentada na seção sobre os verbos copulares é importante para nós: distinguir entre dados nos quais um determinado AP faz parte de um DP (a concordância seria interna ao DP, uma concordância nominal) de um AP que se encontra fora de um determinado DP, em uma posição de predicação, ou seja, como predicado de uma SC (não se trata da concordância dentro do DP) delimita não apenas o tipo de pesquisa que realizamos, como o tipo de análise que é realizada, assim como os dados que estudamos. Na tradição, ambas as formas de concordância DP-AP seriam estudadas enquanto concordância nominal pura, o que não assumimos aqui.

Dito isso, no que concerne à concordância entre sujeito e predicado de uma SC em sentenças copulares, no entanto, isso dependerá do tipo de sentença copular envolvida, assim como do tipo de predicado que ocupa a posição de *Predicado da SC*. Essas distinções, assim como a definição do terceiro tipo de concordância citado aqui, *Merge Concord*, serão destrinchados de forma sucinta na seção de análise.

Apresentadas essas considerações, adiante dissertamos sobre os aspectos metodológicos aqui levados em consideração para a realização da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho observou todas as cartas manuscritas escritas por brasileiros e datadas da primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX presentes no banco de dados do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, PHPB, em sua plataforma *on-line*, excetuando-se as cartas em que não se sabia o seu ano de escrita (porém, as que não possuíam o ano, mas possuíam indicação de a qual período pertenciam foram analisadas) ou se o escrevente era brasileiro ou português.

Como já mencionado em momentos anteriores, a escolha pela análise de cartas dos séculos XVIII e XIX se deu devido aos seguintes motivos: (i) é no século XX que passa a existir algum tipo de regularização institucional da escrita em português; (ii) tende-se a apontar o século XIX como ponto de virada para o que entendemos hoje como PB (GALVES, 2018 [1993]); e, (iii) é no século XVIII que começam a aparecer os indícios de mudança na língua, como observar nos resultados dos estudos presentes em Roberts e Kato (2018[1993]), por exemplo.

Além de uma grande quantidade de cartas analisadas, tivemos que deixar amplo o nosso filtro delimitador para a seleção de dados para o *corpus* a ser analisado: seriam selecionadas, assim, sentenças declarativas copulares finitas (incluindo cópulas no infinitivo pessoal e excluindo as demais formas nominais) com a cópula *ser*, matrizes ou encaixadas, cujo sujeito ou o predicado fosse ou composto ou estivesse no plural.

Foram retiradas sentenças cujos predicados das SCs fossem verbos no infinitivo, no particípio ou que constituíssem estruturas fossilizadas ou elementos importantes dos sintagmas ininteligíveis⁶⁴. Excluiu-se sentenças nas qual o verbo *ser* fosse pleno e a sentença, portanto, existencial.

Não houve a homogeneização do *corpus*, a qual é esperada em trabalhos no qual o quantitativo é observado, uma vez que, primeiro, a falta de homogeneização foi necessária à formação do mesmo, uma vez que o número de sentenças seria quase inexistentes com um *corpus* 50/50⁶⁵ ou mesmo 100/100⁶⁶, até mesmo porque, como é possível observar no quadro abaixo, nem todos os períodos poderiam alcançar o número de 50 cartas.

⁶⁴ Palavras que não puderam ser entendidas ao ser realizado o trabalho filológico.

⁶⁵ 50 cartas por período.

⁶⁶ 100 cartas por período.

Segundo, como cada indivíduo possui uma gramática própria, e, portanto, possui variação – que pode ser entendida como gramatical, estilística ou social –, ao observar um número grande de dados aleatórios (pois foram deixados pelo tempo em detrimento de todos os textos da época) do português, poderemos observar as características que esses dados possuem em comum, ou seja, poderemos analisar a concordância nas mais diversas instâncias de uma sentença copular do português desses períodos nesses documentos.

E, para além disso, diferentemente de outras teorias de cunho social e discursivo, não consideraremos o conteúdo das cartas, quem as escreveu, para quem as escreveu e nem com qual finalidade, sendo que estes não são os objetivos da presente dissertação, mas sim, a observação e análise das sentenças copulares com o verbo *ser* quanto à concordância sob um olhar gerativistas nos dados diacrônicos selecionados.

Pensando nisso, tínhamos como objetivo, então, exaurir os dados da plataforma em questão, um total de 1006 cartas, o que foi realizado na presente pesquisa. Foram analisadas, portanto, cartas provenientes de nove estados brasileiros: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo, que juntas constituíram: 15 cartas particulares e 42 oficiais da primeira metade do século XVIII; 31 cartas particulares e 117 cartas oficiais da segunda metade do século XVIII; 98 cartas particulares e 174 oficiais da primeira metade do século XIX; e 437 particulares e 92 oficiais da segunda metade do século XIX, o que contabilizaria um total de 205 cartas do séc. XVIII e 801 cartas do séc. XIX, como é possível observar abaixo:

Quadro 2 - Número de cartas particulares e oficiais analisadas da primeira e da segunda metade dos séculos XVIII e XIX

SÉCULO XVIII				SÉCULO XIX			
PARTICULAR		OFICIAL		PARTICULAR		OFICIAL	
1ª MET	2ª MET	1ª MET	2ª MET	1ª MET	2ª MET	1ª MET	2ª MET
15	31	42	117	98	437	174	92
46		159		535		266	
205				801			

FONTE: Da própria autora

Apesar do grande número de cartas analisadas, o *corpus* com as sentenças selecionadas possui, apenas, a seguinte quantidade de dados (os quais, como esperado, desbalanceados):

- 1ª METADE DO SÉCULO XVIII → 14 sentenças
- 2ª METADE DO SÉCULO XVIII → 21 sentenças

- 1ª METADE DO SÉCULO XIX → 17 sentenças
- 2ª METADE DO SÉCULO XIX → 77 sentenças

Chama a atenção, no entanto, o fato de termos encontrado mais sentenças em alguns dos períodos com menor número de cartas disponíveis, como é possível ver acima, uma vez que apenas 17 sentenças da primeira metade do século XIX foram selecionadas apesar das 272 cartas as quais observamos, em comparação com as 14 sentenças do século XVIII (quase o mesmo número), provenientes da observação de apenas 57 cartas, o que demonstra a dificuldade de encontrar as sentenças com o fenômeno estudado, mesmo com uma delimitação ampla e um grande número de cartas analisadas.

Embora nossa análise considere aspectos puramente linguísticos, controlamos alguns aspectos do *corpus*, de modo a observar possíveis influências mais diretas nos resultados do ponto de vista extralinguístico, sendo eles: a formalidade (se a carta é particular ou oficial) e a localidade (estado no qual as cartas se encontram⁶⁷). Embora tenhamos controlado a localidade das cartas, não faz sentido levar essa variável em consideração com um *corpus* não homogêneo: há estados com mais de 50 cartas e outros com pouco mais de 10. Conseguimos observar, dessa maneira, que nem a localidade e nem a formalidade das cartas parece influenciar nos resultados obtidos, ao menos, no que condiz à concordância.

Temos que abrir um parêntese, ainda, em relação à quantidade de cartas analisadas. O número de cartas que analisamos não irá corresponder ao número de cartas que aparecem no *corpus* do PHPB. E isso não apenas devido ao fato de termos excluído cartas com dúvida quanto à nacionalidade dos escreventes ou quanto ao período ao qual as cartas pertenceriam. Notamos que há, em algumas das cartas, uma diferença entre nossa forma de contabilizar os períodos e a forma de alguns dos pesquisadores de contabilizar os mesmos períodos.

Enquanto alguns pesquisadores entendem que a virada de um século para outra se dá no ano 00, por exemplo, em 1600, 1900 ou 2000, outros, por sua vez, consideram a virada de um século em 01, ou seja, no primeiro ano após 00, como em 1601 (século XVII), 1901 (século XX) ou 2001 (século XXI). No presente trabalho consideramos a segunda forma.

Depois de selecionar as sentenças a serem quantificadas e analisadas, resta realizarmos a primeira análise dos dados, de acordo com grupos de fatores específicos. Em primeiro lugar, no que diz respeito a variável dependente, uma vez que analisaremos a concordância nas

⁶⁷ Muitos dos pesquisadores do PHPB apontam que, por exemplo, uma carta encontrada em PE será parte do *corpus* de PE, mesmo que não se saiba se o escrevente seja pernambucano ou não. Por isso, quando escrevemos “cartas de PE” ou “cartas de SP”, por exemplo, estamos nos referindo, respectivamente, às cartas provenientes do *corpus* do PHPB-PE ou do PHPB-SP.

sentenças copulares, decidimos observar várias instâncias desse fenômeno, ou seja, analisar como se dá a concordância entre (i) o sujeito e a cópula, entre (ii) a cópula e o predicado e entre (iii) o sujeito e o predicado, focando, no entanto, no primeiro tipo de concordância.

Como explicado na seção anterior, analisar essas diversas instâncias de concordância, não envolve necessariamente uma análise da concordância verbal, e é por isso que analisamos essas três instâncias do fenômeno a partir das mesmas variáveis linguísticas, as quais não contemplam inteiramente todas as frentes de análise do que é considerado tradicionalmente como concordância verbal ou nominal dentro de uma sentença.

Observamos, portanto, a presença de concordância ou sua ausência em cada uma dessas relações de forma separada: primeiro quantificamos e analisamos a presença ou ausência da concordância entre o sujeito e a cópula e sua relação com os fatores independentes. O mesmo sendo feito com a concordância: cópula-predicado e sujeito-predicado. Os dados analisados mudaram a depender do contexto sintático, no entanto. Para analisar a concordância entre o sujeito e a cópula e a cópula e o predicado, apenas sentenças com sujeito preenchidos foram analisadas, de modo a explicitar a concordância. Para analisar a concordância entre o sujeito e o predicado, no entanto, analisamos também sentenças cujo sujeito era nulo, pois partimos do pressuposto de que poderíamos identificar o sujeito por meio da cópula, uma vez que a concordância morfológica foi vista como sendo quase absoluta.

Acrescentamos que alguns tipos de sentenças copulares não serão analisados quantitativamente devido ao fato de seu predicado não permitir o desencadeamento de concordância: como é o caso, por exemplo, das sentenças com predicado CP e das locativas com predicado PP.

Quanto aos grupos de fatores independentes, observamos diversas variáveis, as quais se mostraram irrelevantes quantitativamente durante o processo e foram deixadas de lado no processo de análise. A análise partiu, então, dos tipos de relações sintáticas existentes entre o sujeito e a cópula, entre a cópula e o predicativo e entre o sujeito e o predicativo, assim como levou em consideração o tipo de sintagma na posição de predicado da SC (AP, NP, DP) e os tipos de sujeitos que se repetiram ao longo do *corpus*, como é possível observar na análise.

O tipo de sentença copular (se predicativa ou se equativa) também foi levado em consideração até certo ponto, sendo esta variável interessante, uma vez que não é comum observar essa distinção ao se trabalhar com o fenômeno da concordância. Normalmente, os verbos de ligação são quantificados em um grande conjunto, de modo a separá-los de outros

verbos, e apenas isso, o que não fazemos aqui, sendo este outro aspecto que destaca a presente pesquisa em relação a outros trabalhos sobre concordância.

Analisamos, então, os meios pelos quais haveria concordância entre sujeito e cópula, cópula e predicado e sujeito e predicado nessas sentenças copularessob os pressupostos de uma teoria de análise gerativista minimalista, objetivando encontrar uma forma de descrição e explicação do fenômeno da concordância nesse tipo de dado tão específico e que funcione para o maior número de dados possíveis.

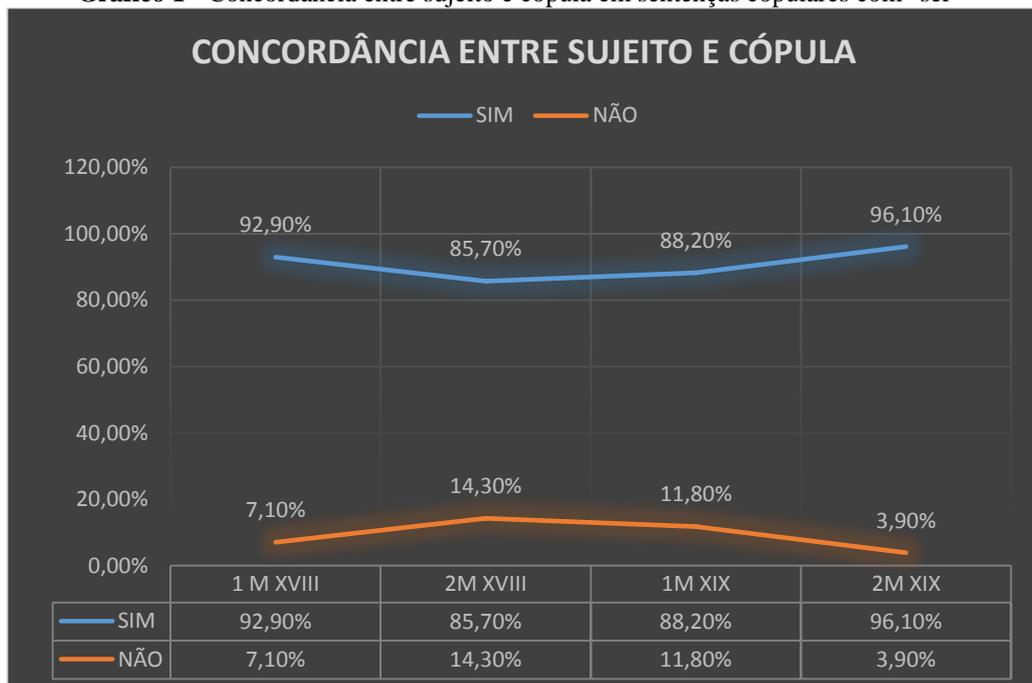
Analisamos, assim, o conjunto das sentenças que apresentavam falta de concordância visível e tentamos apresentar uma possível explicação para como seria a concordância nesses dados (concordância não canônica) com base em teorias minimalistas sobre concordância e verificação de traços. Também tentamos apresentar uma análise e possível explicação para entender como se daria a concordância enquanto fenômeno geral nas sentenças.

Em virtude do tempo de análise e da pouquíssima quantidade de dados de sentenças equativas, somado aos diversos imprevistos no período de formação do *corpus* e sua quantificação, essas sentenças não foram analisadas e nem explicadas, embora apontemos para o fato de que todas apresentaram concordância visível. Dito isso, na seção que segue, apresentamos a análise dos dados.

4 ANÁLISE

Ao observar os resultados quantitativos dos dados analisados, verificamos que a concordância em sentenças copulares com o verbo *ser* se dá de forma bastante regular nos períodos analisados. Tendo em vista trabalhos anteriores sobre concordância no Brasil (LOPES; SCHERRE, 2014; SCHERRE; NARO, 1998; CHAVES, 2014; AZALIM *et al*, 2018, entre outros), é de se esperar que sentenças com esses verbos possuam pouca variação no que tange à concordância no português. Ainda assim, esperávamos encontrar um pouco menos de concordância no século XIX do que de fato encontramos, uma vez que cartas pessoais também foram selecionadas. Os percentuais referentes à concordância nos quatro períodos podem ser vistos a seguir.

Gráfico 1 - Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares com "ser"



Fonte:Produção da própria autora

Como é possível observar acima, a falta de concordância entre o sujeito e a cópula em nosso *corpus* só apresenta certo aumento no período que corresponde à segunda metade do século XVIII e à primeira metade do século XIX. E, mesmo assim, a porcentagem não chega a 15% de falta de concordância (aqui contabilizadas tanto sentenças copulares predicativas, quanto equativas e possessivas (1 dado)), cujas proporções podem ser vistas no quadro abaixo:

Quadro 3 - Resultados quantitativos gerais referentes à concordância na primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX

	1 M XVIII	2 M XVIII	1 M XIX	2 M XIX
CONCORDÂNCIA	92.9% (13/14)	85.7% (18/21/)	88.2% (15/17)	96.1% (74/77)
NÃO CONCORDÂNCIA	7.1% (1/14)	14.3% (3/21)	11.8 (2/17)	3.9% (3/77)

Fonte:Produção da própria autora

Como é fácil perceber acima, mesmo que a porcentagem de falta de concordância chegue a mais de 10% em alguns períodos, em se tratando de números de dados, os que não possuem concordância não chegam a cinco em cada período, contando tanto as cópulas predicativas, quanto as equativas (contabilizadas nesse momento juntas como normalmente são em trabalhos sobre concordância).

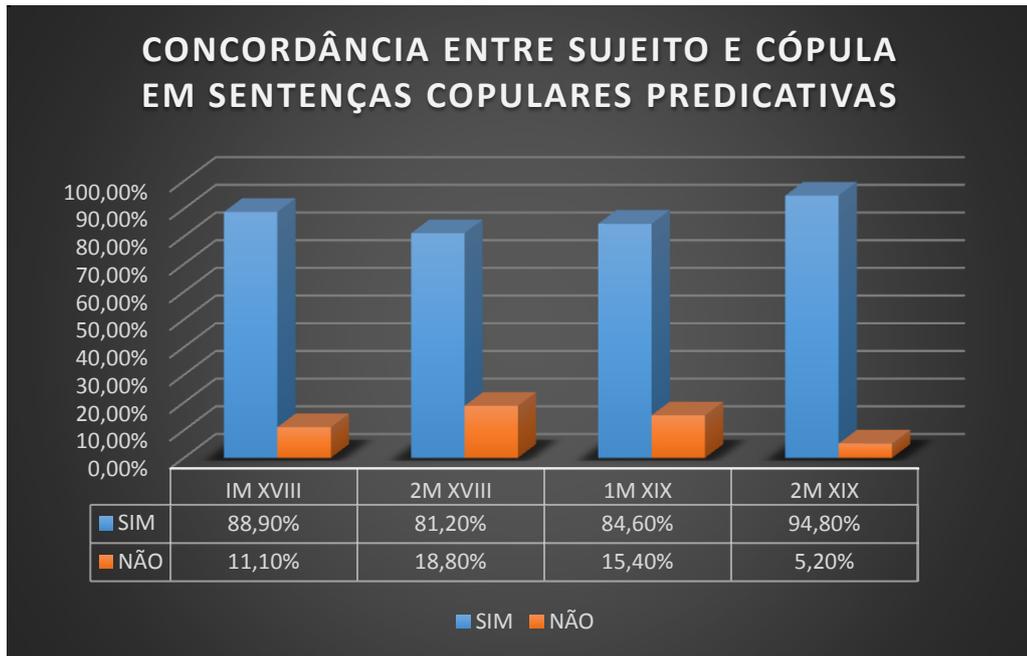
Também é digno de nota apontar que na segunda metade do século XIX, a porcentagem de dados sem concordância é a menor dentre os quatro períodos, mesmo sendo este aquele com maior número de dados, fazendo com que a presença de concordância se enquadre enquanto uma regra semicategórica nesse período. O que é intrigante, uma vez que (i) é na segunda metade do século XIX que a maior parte das mudanças no português como o conhecemos se deu, incluindo aquelas relacionadas à concordância (GALVES, 2018 [1993]) e (ii) a quantidade de textos escritos desse período que foram analisados supera em muito os dos demais.

Analisando-as separadamente, todas as sentenças equativas, como é de se esperar, apresentaram 100% de concordância, ou seja, a concordância presente nas sentenças equativas é de natureza categórica, uma vez que tanto sujeito como predicativo possuem o mesmo referente, o que determinaria uma concordância categórica.

As sentenças predicativas foram, por sua vez, aquelas que apresentaram variação, o que por si só já é um resultado que difere da maioria dos trabalhos sobre concordância no português: podemos perceber que há diferença em relação a frequência de concordância visível/morfológica a depender do tipo de sentença copular.

Tendo em vista, portanto, a ausência total de variação nas sentenças copulares equativas, observaremos aqui em diante o fenômeno da concordância de forma isolada apenas nas sentenças copulares predicativas, as quais apresentaram variação, mesmo que pequena, como segue:

Gráfico 2 - Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares predicativas na primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX



Fonte:Produção da própria autora

Quadro 4- Concordância entre sujeito e cópula em sentenças copulares predicativas da primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX

	1M XVIII	2M XVIII	1M XIX	2M XIX
SIM	88.9% (8/9)	81.2% (13/16)	84.6% (11/13)	94.8% (55/58)
NÃO	11.1% (1/9)	18.8% (3/16)	15.4% (2/13)	5.2% (3/58)

Fonte:Produção da própria autora

Se observarmos os resultados com atenção, podemos perceber que de modo geral as mesmas conclusões tiradas anteriormente acabam se repetindo ao observarmos as sentenças copulares predicativas que consistem da maior parte do nosso *corpus*. A presença de concordância entre o sujeito e a cópula nas sentenças copulares predicativas acabam se encaixando em todos os períodos estudados como sendo uma regra variável, sendo quase uma regra semicategórica na segunda metade do século XIX, em termos labovianos.

4.1 CONCORDÂNCIA VISÍVEL

Os resultados da presente dissertação, então, acabam por corroborar trabalhos anteriores sobre concordância no português. Uma possível explicação para tão pouca variação no decorrer desses quatro períodos pode ser encontrada se nos voltarmos para trabalhos sobre concordância que se amparam na questão da saliência fônica do verbo (LOPES; SCHERRE,

2014, SCHERRE; NARO, 1998, CHAVES, 2014, AZALIM *et al*, 2018, entre outros), tópico sobre o qual escrevemos em linhas gerais na seção sobre concordância.

De acordo com Azalim *et al* (2018, p.517), *grosso modo*, a saliência fônica diz respeito a diferença mais ou menos acentuada de uma palavra quando ela passa para o plural, ou seja, quanto maior à diferença existente entre a forma do singular e a forma do plural de uma palavra, mais essa palavra possui saliência fônica.

No que diz respeito ao verbo *ser*, por ser um verbo irregular, como antes fora mencionado, este é um verbo em que podemos encontrar muita saliência fônica, e de acordo com os trabalhos antes mencionados que observam a questão da saliência fônica quanto à concordância verbal, quanto mais saliente o verbo, menor a chance de não haver concordância entre o sujeito e o verbo, o que explicaria o motivo de pouca variação ter sido encontrada em nosso *corpus*, apesar da expectativa de uma maior variação ser encontrada.

Usar a variável da saliência fônica não foi uma escolha metodológica tomada desde o princípio do presente trabalho (o que também pode ser verificado devido ao pequeno espaço dado a essa questão em nossa revisão de literatura), mas foi um meio interessante que encontramos para explicar os resultados quantitativos obtidos com o que já havia nos estudos brasileiros vigentes.

Feitas essas considerações quanto aos resultados obtidos, nos resta apresentar como descrever e explicar essa concordância visível na maior parte de nossos dados. E, nesse ponto, entra a análise e descrição gerativa.

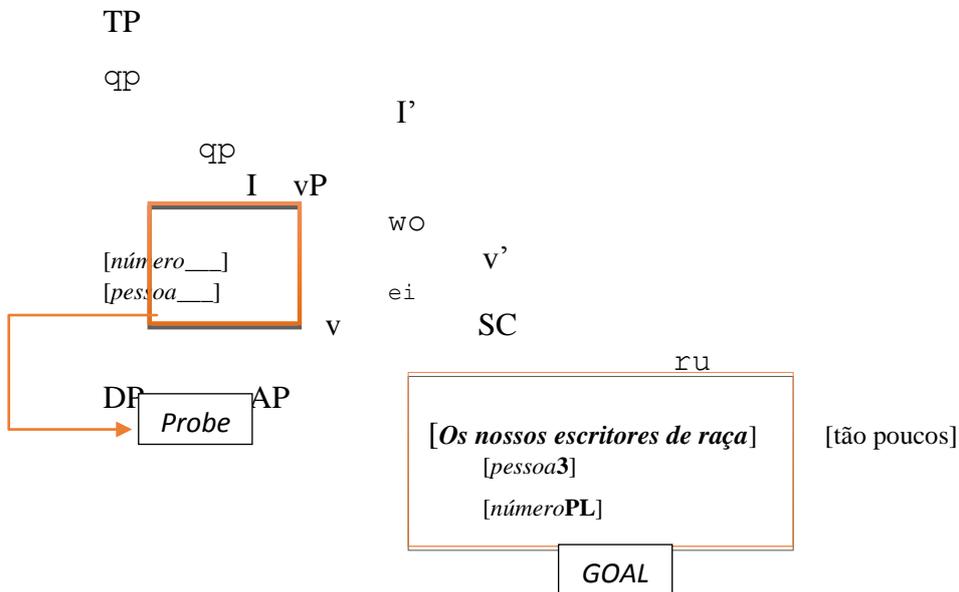
Vimos na seção sobre concordância que haveria diversas instâncias de concordância nos estudos gerativos, e, uma vez que focamos nos resultados referentes à concordância existente entre o sujeito e a cópula, uma concordância verbal, ou seja, no nível da sentença, entendemos que esta se dá primordialmente por *Agree*.

Se tomarmos sentenças como (72) e (73), por exemplo, vemos que o sujeito de (72) concorda em número (plural) e pessoa (terceira) com a cópula (*são*), semelhante ao que ocorre em (73), o sujeito concorda em pessoa e número (terceira pessoa do plural), concorda com a cópula (*são*).

(72) O general Paunero, escrevendo [...] | seus amigos e familia, diz que| os brasileiros e seu heroico general| seu chefe são incedíveis.| (PHPB, BA, 1866)

(73) Os nossos escriptores de raça são | tão poucos!| (PHPB, PE, 1875)

Estruturalmente, tal concordância por *Agree* se daria da seguinte forma, se tomarmos a construção da sentença copular em (73) como exemplo:



Primeiro observamos que na sentença copular em (73) temos apenas um sintagma de determinante, o qual é o sujeito da SC, como é possível observar na parte inferior da árvore acima. O sujeito preenchido, “os nossos escritores de raça”, é definido e possui, como visto anteriormente, os traços- Φ de terceira pessoa e de plural.

O sujeito da SC, no entanto, não possui Caso, uma vez que a cópula é transparente e não influencia na grelha temática ou atribui Caso acusativo. Por outro lado, o núcleo da flexão pode atribuir Caso nominativo a um sintagma nominal, mas não possui os traços de pessoa e de número. O núcleo da flexão verbal, *grosso modo*, procura, então, um alvo (*goal*) com os traços que lhe faltam no seu domínio mais próximo valorado. Não achando nenhum sintagma nominal em *vP,probe* da flexão verbal procura pelos traços que lhe faltam mais abaixo na árvore, os encontrando no sintagma nominal sujeito da SC, como na representação geral abaixo.

- (76) Os Rebeldes | Faloveirosthe o dia não tinhaõ embarcado, **tudo**são Repr= | zentaçoens metendo tempo em meio aver se chega aDivizaõ dePor= | tugal, que Se espera, porem devo crer, que ja teraõ partido aestas | oras. (PHPB, SP, 1822)
- (77) Elles ahi vão todos para a| Festa do commissario Antonio Ferreira| com Jose Galdino, Vigario; e outros, pois-|4r. pois, **tudo**, diz o Vigario são seos| amigos, (PHPB, BA, 1895)

As sentenças em (74), (75), (76) e (77) têm como sujeito um DP pronome indefinido no singular, “tudo”. Nesses casos, como previsto pelas gramáticas tradicionais, quando precedido de palavra resumitiva (pronome indefinido “tudo”, “ninguém”, por exemplo), o verbo parece ficar no plural, concordando com a ideia semântica de quantidade incutida nesses sujeitos.

Interessante notar que, se excetuando (77), os sujeitos dessas sentenças são menos animados. O que explica porque nos é estranho o dado em (77), que por sua vez tem sujeito[+animado] e[+ humano]. Para nós, de acordo com nossa Língua-I, o dado em (77) parece ligeiramente diferente dos demais, tendo esse aspecto sintático em consideração.

Dito isso, “tudo” parece estar no lugar de “todos”, que soa, partindo de nossa gramática, mais gramatical. Esse poderia ser tão somente um estranhamento proveniente de um encontro de gramáticas de falantes diferentes, de épocas diferentes, se não fosse pelo fato de um pouco antes no período “todos” ter sido usado para referenciar as mesmas pessoas.

Ainda observando o dado, podemos presumir que “tudo são seus amigos”; pode ser tanto um discurso direto de Vigário apresentado pelo escrevente (e nesse caso, teríamos uma indicação de variação “tudo são”/”todos são” quando o pronome indefinido for [+Animado] e [+Humano]), como pode ser explicado tendo em vista a questão semântica e pragmática do pronome “tudo”, que acaba apresentando certa impessoalização, dando mais foco à unidade da quantidade (indistinta e impessoal) do que a quantidade em si. Em todo caso, apesar da diferença nos traços de animacidade, a concordância se deu tal como nos dados (74), (75) e (76), demonstrando regularidade no componente gramatical.

4.2.2 “A maior parte” / “o total de” / “o processo de” / “a gente”

Dentre os dados destoantes, temos ainda os que seguem:

- (78) Por huã ordem vocal que medeo o General, redusi duas companhias | de Infantaria que guarneciaõ esta cidade ahuã, **eo [total] delasam** cem prassas, (PHPB, RN, 1791)
- (79) ; accessce que **amor parte | dos habitantessão** proprietárias e possuem ma- | deiraz em suas terras com que cercaõ suaz lavou- | raz maz os agricultores que não possuem terraz (PHPB, RN, 1849)
- (80) as cacimbas estão escassas| d’agua, **o processo para o trabalho| das mesmassão**difficeis e de[s]pen-|diosos; (PHPB, BA, 1898)
- (81) **A gen-|teque vai,são** pouco praticos.| (PHPB, BA, 1893)

As considerações acima são semelhantes ao que a tradição prevê para os dados em (78) e (79), nos quais o sujeito é uma expressão com sentido quantitativo, “a maior parte” e “o total”. Nesses casos, de acordo com a tradição, o verbo pode concordar não só com a ideia semântica de quantidade, ficando no plural, como em (78) e (79), como também pode concordar com o DP, podendo, nesse caso, ficar no singular, o que não ocorreu nos dados em questão.

Ao observar (79), ainda, é interessante notar que a cópula concorda em número com o núcleo do sintagma nominal, “dos habitantes” ([de + os habitantes]), o qual possui traço de gênero [masculino] e está no plural, ao mesmo tempo que concorda em gênero com o começo do sintagma nominal, “a maior parte”, que possui traço de gênero [feminino], com o qual a cópula concorda, e de número [singular], divergindo, portanto, do núcleo nominal do sujeito.

A sentença em (81), por sua vez, consiste de um DP nome comum no singular como sujeito, “a gente” (no sentido de “as pessoas”), com uma cópula no plural que concorda com o valor semântico do sujeito, mas não com o DP em si. Em (80), a cópula aparenta concordar com o predicativo e não com o sujeito, “o processo para o trabalho das mesmas”. No entanto, o DP em questão parece ser englobalizante, no sentido de conter ou de inferir uma quantidade de processos menores dentro do processo de se trabalhar.

4.2.3 *Dados cujo sujeito é um pronome demonstrativo*

Por fim, observemos (82) abaixo:

- (82) **Isto** são couzas annexas ao lugar, e as pertendo con servir ellezas, enquanto o Senhor domesmo Lugar não manda outra couza. (PHPB, PB, 1775)

Em (82), o sujeito, pronome demonstrativo, “isto”, enquanto dêitico, por sua vez, sugere generalização.

Embora os sujeitos das sentenças de (74)-(82) sejam diferentes, como a divisão dos dados acima pressupõe, podemos pensar em um processo mais ou menos geral pelo qual podemos explicar todos esses dados sob a luz de *Agree*. Mais do que uma mudança nas fases pelas quais uma sentença passa para ser formada, nos parece que *Agree*, nesses dados, age tendo em vista o conjunto de traços que compõem o item lexical que é o alvo da flexão.

Nas sentenças copulares predicativas acima, as quais possuem uma SC com um DP e um AP, [_{SC} DP, AP], como é o caso de (75), (79), (80) e (81), por exemplo, só há um nominal que possa servir como *goal* da flexão, mesmo que este seja indefinido ou esteja estruturalmente no singular.

Explicar como a concordância se daria nesses casos, sem nos desviar demasiado da descrição geral feita anteriormente quanto a *Agree* poderia ser feito se pensarmos que a *probe* vasculharia mais fundo, dentro do único sintagma nominal disponível, de modo a encontrar uma informação de número (já que o pronome é indefinido, como nos dados de (74)-(77)), a qual não seria **morfologicamente** visível e que a tradição chamaria de “sentido”.

Essa informação de número poderia ser encontrada, então, na composição do item lexical, que se deu antes mesmo da numeração. Explicando, assim, o *match* com o traço de plural, embora não haja marca morfológica de plural no item em si. *Agree* ocorreria, portanto, não com a forma estrutural do item lexical, mas com o traço de número [+ plural] que faz parte da composição lexical desse item, ou melhor dizendo, com um traço que pressupõe pluralidade, quantidade. Em outros tipos de sentença, em que o verbo não seria semanticamente transparente (Isto corre muito rápido /*Isto correm muito rápido), a concordância se daria no singular, por *default*, ou, então, o mesmo acima ocorreria, mas o traço de número na composição do item lexical seria [*singular*].

Isso poderia ser visto, então, como uma explicação semântica (que de certa forma não o deixa de ser), mas ainda estaria sob o viés de uma perspectiva sintática, uma vez que a composição sintática dessas sentenças não deixaria margem para outro curso de ação, já que não haveria outro *goal* o qual procurar.

Também podemos pensar que através de *Match* e *Agree* se daria a concordância de número entre a cópula e o predicado e, conseqüentemente, entre o sujeito e o predicado. Uma vez que todos eles compartilhariam os traços necessários à concordância, ou, antes disso, a concordância acabaria ocorrendo como resultado da valoração necessária dos traços de *probe*. Mas, para a concordância (de número e gênero) entre o sujeito e o predicativo, nós tendemos em direção a uma terceira hipótese, que poderá ser vista mais à frente.

Continuando nessa linha de pensamento, se nos voltarmos para os dados acima, como (76), (*Os Rebeldes / Faloveirosthe o dia não tinhaõ embarcado, tudo são Repre= / zentaçoens metendo tempo em meio aver se chega aDivizaõ dePor= / tugal, que Se espera, porem devo crer, que ja teraõ partido aestas / oras.* (PHPB, SP, 1822)) por exemplo, no qual vemos uma sentença predicativa que possui uma SC com um DP e um NP, [_{SC} DP, NP], poderíamos pensar (ignorando as condições de minimalidade) que haveria problema para manter a mesma explicação, uma vez que teríamos mais de um sintagma nominal a disposição da sonda.

O DP, [*tudo*], mesmo indefinido, no entanto, acaba sendo escolhido como sujeito da sentença [*Tudo são representações*]. Ao observar a marca de número na cópula, poder-se-ia pensar que o sintagma nominal “representações” seria aquele que concordaria com a flexão, no entanto, isso não ocorre, uma vez que o sujeito ainda é obviamente o pronome “tudo”.

“Tudo” seria escolhido como alvo da flexão, aparentemente, pois, mesmo indefinido, ainda assim se trataria de um pronome, sendo mais predisposto a obtenção do Caso nominativo do que um sintagma nominal que não é um pronome. O que faz desse DP⁶⁸ um tipo de nominal mais específico que o NP “representações” e, portanto, um *goal* mais apropriado para a flexão. Mesmo havendo, nesse caso, mais de um sintagma nominal que poderia servir de *goal* para a flexão, *omatch* ainda assim ocorreria com o traço de plural [PI] no interior do conjunto de traços do DP [*tudo*] e não com o NP [*representações*]. A forma pela qual entendemos *Agree* continuaria funcionando, dessa maneira, mesmo nesses casos de “concordância pela ideia por trás do nominal” e mesmo quando mais de um sintagma nominal estivesse na “fórmula” da sentença.

Sendo assim, pela falta de opções dentro do domínio⁶⁹ de *probe*, a concordância se dá nessas sentenças de forma não completamente morfológica e de forma não aparente, mas ainda assim por meio de *Agree*. Dito de outro modo, se determinadas informações não são

⁶⁸ A diferença entre um DP e um NP aqui é que o primeiro possui um determinante, enquanto que o segundo não.

⁶⁹ Posição que corresponderia ao complemento do núcleo em uma determinada fase.

encontradas na morfologia do item lexical, ou seja, na sua superfície, informações como gênero e número podem ser encontradas no compilado dos traços formadores do item lexical em questão, os quais poderiam ser provenientes de algum tipo de relação do léxico com outros aspectos cognitivos mais pragmáticos, o que faz com que seja possível, em nossa visão, uma concordância não visível, ou melhor, não morfológica e ainda assim sintática, embora não totalmente não semântica, tudo isso através de *Agree*.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE SENTENÇAS COPULARES PREDICATIVAS DO TIPO [SC NP, NP] OU [SC DP, NP]

Feitas estas discussões quanto a como usar *Agree* opera de modo a descrever tanto as sentenças nas quais a concordância verbal é morfológicamente visível quanto aquelas nas quais a concordância pareceria se dar, em um primeiro momento, em nível semântico, nos resta ainda, fazer algumas considerações no que tange às sentenças copulares predicativas do tipo [SC NP, NP] ou [SC DP, NP], como o dado em (76) (*Os Rebeldes / Faloveiros the o dia não tinhaõ embarcado, tudo saõ Repre= / zentaçoens metendo tempo em meio aver se chega a Divizaõ de Por= / tugal, que Se espera, porem devo crer, que ja teraõ partido aestas / oras.* (PHPB, SP, 1822)), por exemplo.

Ao observar trabalhos como o de Bejar *et al* (2015), outros aspectos ainda precisam ser levados em consideração ao analisarmos esse tipo de sentenças copulares predicativas nas quais há concordância visível: o fato de a concordância de número e de gênero entre NP sujeito e NP predicativo poder se dar antes que uma relação de *Agree* se estabeleça entre o sujeito e a cópula.

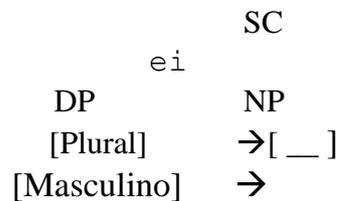
Partindo da assunção dos autores, em uma relação de irmandade, como a que acontece na SC, e tendo em vista dois sintagmas irmãos com a mesma categoria, através de *Merge*, traços não valorados (como falta de número e gênero) poderiam o ser, automaticamente, ao haver *merge* entre esses sintagmas irmãos, o que seria chamado de *Merge Concord*, segundo Bejar *et al* (2015), o último tipo de concordância sobre o qual fizemos menção na seção sobre concordância.

Em outras palavras, os autores explicam a ocorrência de NuMR (*Number Matching Requirement, Requerimento de concordância de número*), tendo em vista um processo automático, no qual um objeto sintático com um traço X não valorado se fundiria (*Merge*)

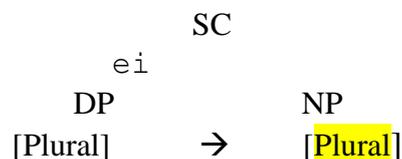
com um objeto com um mesmo tipo de traço X valorado, performando, assim, o que chamam de *Merge Concord*. Como nos exemplos abaixo:

- (83) ,os quaes, como atodos hê notorio, saõ indigentes de beñs, (PHPB, PE, 1744)
- (84) Taes são minhas| intenções, meu amigo; (PHPB, BA, 1837)
- (85) bom Cirurgião, 2 praticantes, alem demuitos quecom eficacia semprefarão em Seo Socorro, todos os2ª f. abitantes deste Arraial. forão testemunhas do quanto.foi tratado, epode ficar lhe essa conçoção. (PHPB, MG, 1811)
- (86) porque segundo o que me disse o senhor seu Mano, nos somos muito pa= rentes pelos Andrades e Machados da Caza da Igreja de Santa Senhorinha, (PHPB, RJ, 1815)
- (87) Os mais são voluntarios da Patria, (PHPB, BA, 1866)

Em (83) o DP “os quais” possuiria traço de número [pl], enquanto que o DP “indigentes de bens” não possuiria, uma vez que ele viria do léxico sem traço de número marcado de modo a concordar com o sujeito, sendo esse traço compartilhado em detrimento de *Merge*, como exemplificado:



Como podemos ver acima o DP possui o traço de plural valorado, enquanto que o NP possui o mesmo traço, só que não valorado. Quando há *Merge* e os dois sintagmas se tornam irmãos, o valor do traço de número é compartilhado automaticamente com o NP. O mesmo valor ou o mesmo traço é compartilhado, dividido, como exemplificado abaixo:



[Masculino] →

No caso do traço de gênero, observamos que é um traço que o DP possui e que está valorado. No entanto, o NP em questão não possui traço de gênero, pois é um nome invariável para gênero (o indigente de bem/a indigente de bem) e não possui determinante. Sendo assim, esse é um traço cujo valor não é compartilhado, dividido, pois para haver compartilhamento, o mesmo traço deveria existir em ambos os sintagmas nominais. O traço não valorado seria, então apagado em meio ao término da fase e à preparação para *Spell-Out*.

No entanto, uma análise também viável e que está de acordo com o que já propomos anteriormente poderia ser a de que o traço de gênero seria sim compartilhado, mas não morfologicamente visível:

		SC	
	ei		
	DP		NP
	[Plural]	→	[Plural]
	[Masculino]	→	[Masculino]

Sendo assim, em uma estrutura de sentença copular predicativa na qual há irmandade entre dois sintagmas, ou seja, em uma SC, NuMR se daria através de *Merge Concord*, superficialmente explicada anteriormente, na qual o compartilhamento de traços se dá entre os elementos constituintes de uma SC (semelhante a *concord*, na qual há concordância de traços entre elementos dentro de uma mesma projeção, SC), sendo esses elementos, no entanto, sintagmas completos em relação de irmandade (parecido nesse sentido com *Agree*, no qual a concordância de certos traços se dá entre sintagmas XPs diferentes). *Merge Concord*, não ocorreria, no entanto, se houvesse restrições de algum tipo que possam impedir ou a ocorrência ou a necessidade de *Merge*.

Tendo acontecido *Merge Concord*, os traços da flexão ainda precisam ser valorados, o que acontece quando a *probe* alcança o *goal* no DP sujeito da SC. *Agree* acontece, então, entre o sujeito e a flexão, desencadeando a concordância verbal como a viemos concebendo desde o princípio da presente análise. No entanto, *Agree*, nesse contexto, não desencadearia a concordância entre a cópula e o predicado da SC, pois todos os traços do NP/predicado já teriam sido valorados nesse tipo de contexto sintático, que é o que acreditamos fazer mais sentido tendo em vista os dados analisados, mesmo que a proposta da concordância ser por meio inteiramente de *Agree* ser válida.

4.4 MERGE CONCORD EM SENTENÇAS COPULARES PREDICATIVAS COM PREDICADO AP

Embora tenhamos visto que a proposta de Bejar *et al* (2015) de *Merge Concord* se dá para sentenças copulares predicativas binominais (com sujeito e predicativo sendo nominais), nos parece ser interessante, também, pensar nessa operação para sentenças copulares predicativas com predicado adjetival (AP), o que explicaria determinados aspectos das sentenças copulares acima cuja concordância se dá de forma semântica.

Retomemos, por exemplo, as sentenças:

- (88) Por huã ordem vocal que medeo o General, redusi duas companhias | de Infantaria que guarneciaõ esta cidade ahuã, **eo [total] dela_{sam}** cem prassas, (PHPB, RN, 1791)
- (89) ; accessce que **amor parte | dos habitantessã_o** proprietárias e possuem ma- | deiraz em suas terras com que cercaõ suaz lavou- | raz maz os agricultores que não possuem terraz (PHPB, RN, 1849)
- (90) as cacimbas estão escassas| d'agua, **o processo para o trabalho| das mesmassã_o**diffíceis e de[s]pen-|diosos; (PHPB, BA, 1898)
- (91) **A gen-|teque vai,sã_o** pouco praticos.| (PHPB, BA, 1893)

Ao modificá-las um pouco, mudar o número da cópula, percebemos que parece se fazer necessário mudar também o número do predicativo, de modo à sentença ser aceitável:

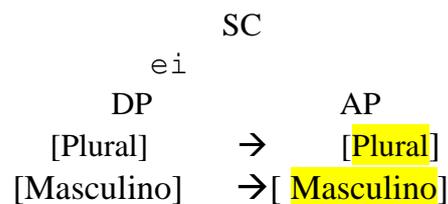
- (92) **eo [total] dela_e** cem prassas,
- (93) ***amor parte | dos habitantes_e** proprietárias
- (94) ***o processo para o trabalho| das mesmas_e**diffíceis e de[s]pen-|diosos
- (95) ***A gen-|teque vai,_e** pouco praticos.|

Podemos notar que os dados de (93)-(95) não são aceitáveis pois o predicativo não concorda com o número morfológico do sujeito. Quanto ao dado em (92), este se mostra gramaticalmente aceitável pois parece se tratar de uma sentença equativa, embora em muito

se pareça com uma sentença predicativa, o que explicaria ser aceitável nessa sentença que o predicativo não concorde em número com o sujeito gramatical.

- (96) **amor parte | dos habitantes** é proprietária
 (97) **o processo para o trabalho| das mesmas** é difícil e de[s]pen-|dioso
 (98) **A gen-|te que vai,** é pouco prático. |

Ao fazer com que o predicativo concorde com o sujeito, como vemos de (96)-(98), as sentenças voltam a ser aceitáveis, pois, ao que parece, a cópula só pode concordar com o sujeito se o predicativo também o fizer. E isso seria possível, modificando a proposta de Bejar *et al* (2015) de *Merge Concord* em sentenças copulares predicativas binominais para, também, sentenças copulares predicativas com predicativo adjetival, como segue:

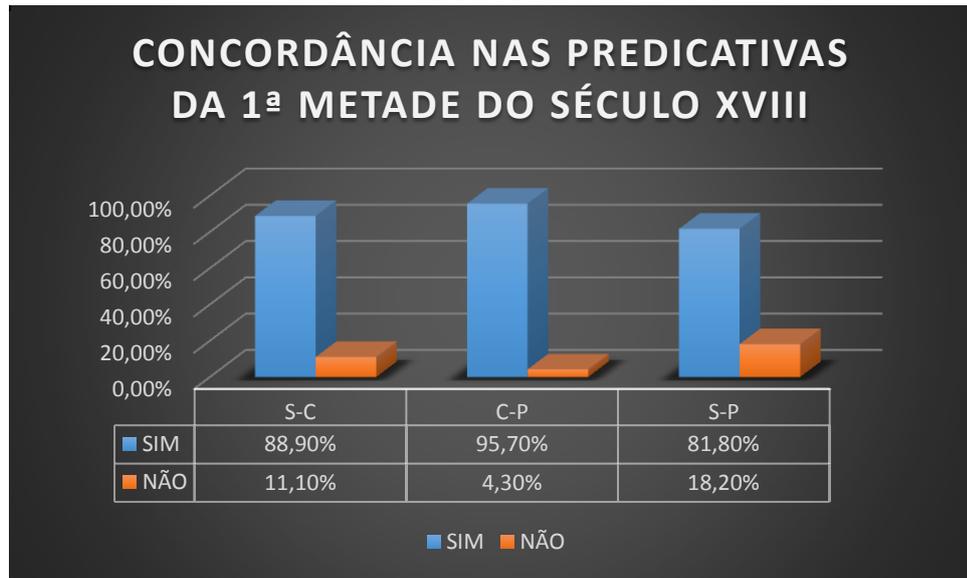


Neste caso, a concordância entre o sujeito e o predicativo se daria antes mesmo de *Agree*, ao haver o compartilhamento do traço de número e provavelmente também do de gênero, explicando a agramaticalidade dos testes em (93)-(95), nos quais, aparentemente, *Merge Concord* não se deu, tornando as sentenças agramaticais, por falta da concordância de número.

4.5 DEMAIS RESULTADOS QUANTITATIVOS QUANTO À CONCORDÂNCIA EM SENTENÇAS PREDICATIVAS

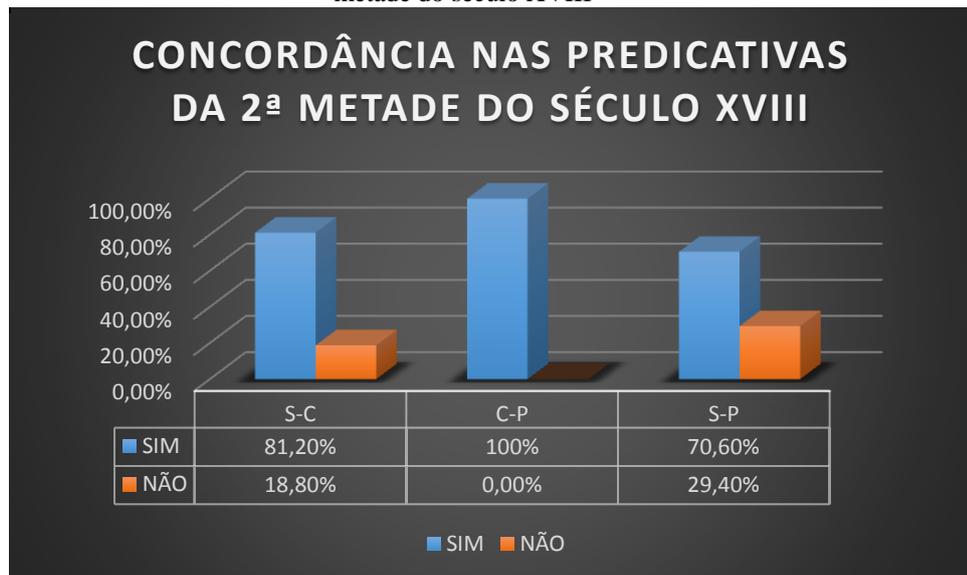
Quanto aos demais resultados quantitativos obtidos sobre a concordância em sentenças copulares predicativas (com predicado adjetival ou nominal), temos o que segue:

Gráfico 3 - Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da primeira metade do século XVIII



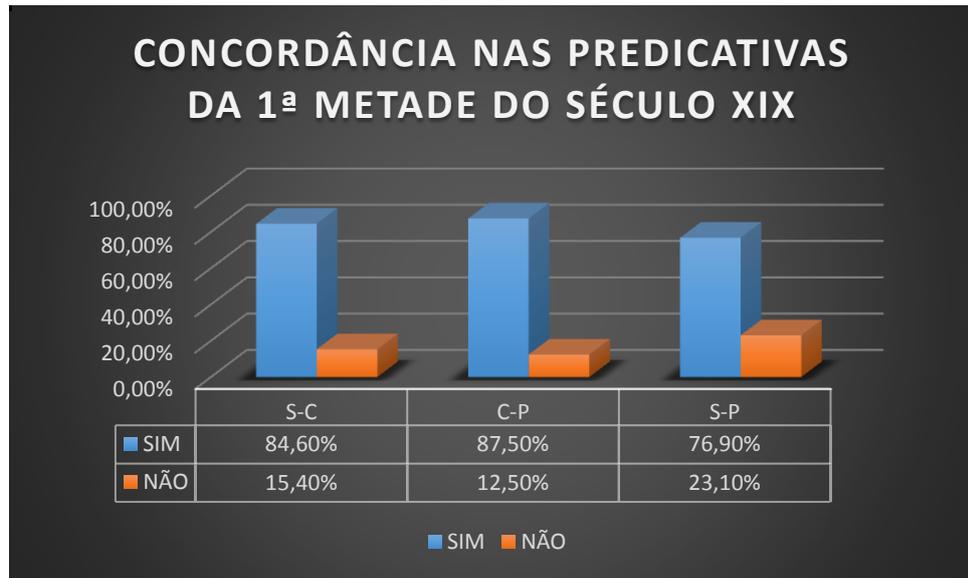
Fonte:Produção da própria autora

Gráfico 4- Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da segunda metade do século XVIII



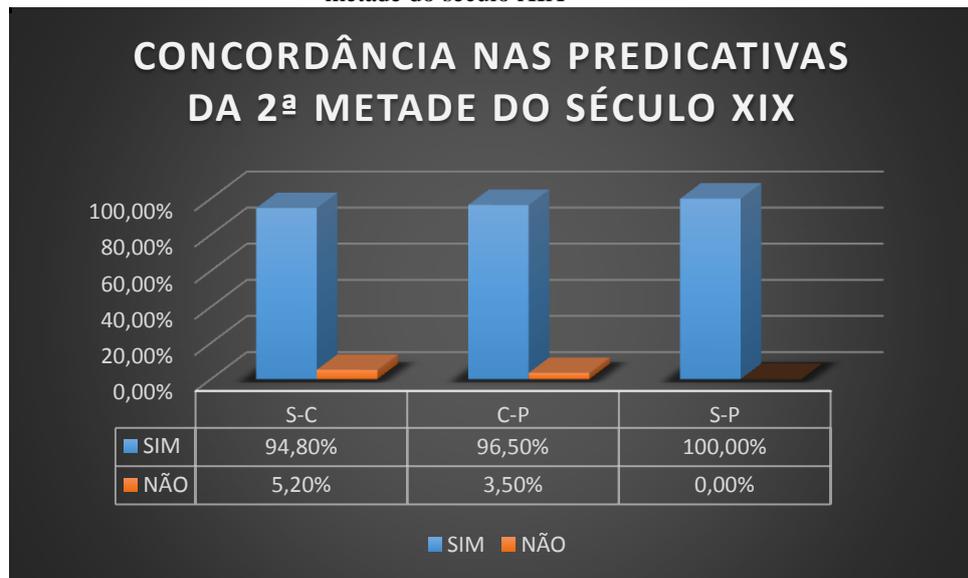
Fonte:Produção da própria autora

Gráfico 5- Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da primeira metade do século XIX



Fonte:Produção da própria autora

Gráfico 6- Resultados gerais quanto à concordância em sentenças copulares predicativas nos dados da segunda metade do século XIX



Fonte:Produção da própria autora

Ao observar a concordância nas três instâncias da sentença copular nos dados de nosso *corpus*, e pensando nas categorias labovianas (de modo a apenas classificar e distinguir os resultados quantitativos obtidos), ao observar os gráficos acima, podemos classificar a concordância entre a cópula e o predicado como sendo semicategórica na primeira metade do século XVIII e na segunda metade do século XIX, enquanto que chega a ser mesmo categórica nos dados da segunda metade do século XVIII.

Já a concordância entre o sujeito e o predicativo aparece como sendo categórica apenas nos dados da segunda metade do século XIX, como é possível verificar nos gráficos acima. A frequência da concordância morfológica entre o sujeito e o predicativo aparece nos dados como sendo menor do que a entre a cópula e o predicado provavelmente devido ao fato de o predicado da SC em sentenças copulares ser em sua maioria um sintagma adjetival, o que impediria uma concordância entre o sujeito e o predicado da SC nos termos originais de *Merge Concord*. Ao menos no que diz respeito ao proposto por Bejar *et al* (2015) quanto aos sintagmas envolvidos em *Merge Concord* serem sintagmas nominais.

Com isso, chegamos às conclusões que seguem na próxima seção.

5 CONCLUSÕES

Ao analisar quantitativamente os dados que compõem o *corpus* da presente dissertação, percebemos não haver variação em diversos níveis da concordância aqui estudadas. Por meio dos mesmos resultados verificamos que não havia relevância quantitativa aparente em nenhuma das variáveis linguísticas controladas a princípio, assim como não pareceu haver relevância em outras variáveis que controlamos, mas não foram foco de nossa análise (como estado e natureza oficial/particular da carta).

Nos poucos contextos em que a variação apareceu, depois da análise dos dados, constatamos que a quantidade de sentenças não canônicas era quase inexistente. E, além disso, verificamos que esses dados eram de tipos já previstos na tradição das gramáticas normativas.

Com a verificação da indisponibilidade de uma análise quantitativa dos dados, primeiro, buscamos uma possível explicação para a falta de variação, a qual encontramos nas muitas e vastas pesquisas sobre concordância amparadas na variável *saliência fônica*. O verbo *ser* por ser irregular em sua conjugação e apresentar grande saliência fônica, acaba não apresentando muita falta de concordância no decorrer dos períodos analisados, como explicamos anteriormente. Característica essa que é comum em verbos copulares de outras línguas, como, por exemplo, no inglês (*be*).

Os resultados quantitativos desses quatro períodos (primeira e segunda metades dos séculos XVIII e XIX), portanto, corroborariam o que já vinha sendo apontado nos trabalhos antes citados quanto à saliência fônica e explicariam a falta de variação que encontramos. Embora não possamos descartar a hipótese de que esse resultado tenha algo a ver com outras questões, como, por exemplo, a natureza escrita do material selecionado.

Depois de termos dado uma possível explicação para a falta de variação relevante quanto a concordância em nosso *corpus*, apresentamos uma tentativa de análise e descrição das sentenças copulares, tanto as que apresentaram concordância verbal morfológica quanto as que não apresentavam concordância direta e morfológica.

O primeiro ponto de destaque da pesquisa que influenciou nos resultados e na análise foi o fato de termos selecionado apenas um verbo copular, o *ser*, para ser analisado dentre todos os verbos de ligação, e, ao analisá-lo, termos distinguido os diferentes tipos de sentenças com essa cópula, de modo que observamos que mesmo dentre as sentenças

copulares com *ser* há diferença na frequência da concordância morfológica em cada tipo. Sendo essa distinção inexistente nos trabalhos sobre concordância no Brasil, nos quais os verbos de ligação são colocados todos em um grupo de destoantes juntamente com os inacusativos e ponto.

Ao nos utilizarmos do modelo descritivo e explicativo do Programa Minimalista, tentamos explicar como uma concordância não visível, não aparente, ou seja, não morfológica, poderia ter ocorrido por meio da mesma operação pela qual a maior parte dos dados aparenta ter passado, a saber, *Agree*.

No que tange à concordância de sentenças copulares predicativas canônicas cujo predicado é um sintagma nominal, no entanto, apontamos para a possibilidade de explicar a concordância entre o sujeito e o predicado por meio da operação *Merge Concord* e por *Agree*.

Além disso, após apresentar alguns testes nos quais vimos que o predicativo tem que concordar com o sujeito para que a sentença seja aceitável, apontamos para a possível ocorrência de *Merge Concord* também em sentenças copulares predicativas com predicativo AP, o que explicaria os resultados obtidos a partir dos testes realizados.

No que concerne às sentenças equativas, tendo em vista sua falta de variação e pouco número de dados em nosso *corpus* em relação às predicativas, além de sua totalidade de concordância, ou seja, uma regra categórica de concordância morfológica, não achamos prudente nesse momento descrevê-las ou explicá-las, ficando para um trabalho futuro o desenrolar desse aspecto de nossa pesquisa. A comparação e a distinção entre as sentenças equativas e as predicativas quanto a concordância fica para um momento posterior de pesquisa.

Ainda no que tange às sentenças equativas, outro ponto de interesse para pesquisas futuras emerge, a saber, como a sonda identificaria o sujeito entre os sintagmas nominais disponíveis na SC e como o aspecto morfológico pode ser ignorado e a sentença ainda assim permanecer gramatical e aceitável.

Além disso, dentre as sentenças cujo sujeito era nulo, havia sentenças relativas, as quais não levamos em consideração no momento da quantificação, mas que buscamos analisar superficialmente, de modo a verificar se haveria considerações comuns a serem feitas entre as sentenças verdadeiramente nulas e as que poderiam ser entendidas como relativas. Ao final, não analisamos as sentenças relativas aqui, por falta de tempo e por termos tido que categorizá-las em um grupo diferente de sentença com sujeito nulo, o que pode ser considerado como material para pesquisas futuras.

A presente pesquisa, por fim, permitiu observar um tipo de sentença pouquíssimo estudada no Brasil, a saber as sentenças copulares, apontando para o fato de que mesmo dentro de um nicho tão específico há diferenças e variações, mesmo quando se trata de um fenômeno tão estudado no Brasil, como é a concordância.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, S. S. F. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2014.
- ARAUJO, S. S. F. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. *Papia*, Brasília, 22(1), p. 91-110, 2012.
- AZALIM, C.; MARCILESE, M.; NAME, C.; SCHER, L.; GONÇALVES, L. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *D.E.L.T.A.*, 34.2, p. 513-545, 2018.
- BEJAR, S.; KAHNEMUYIPOUR, A.; MATHIE, J.; YOKOYAMA, T. *Number matching in small clauses: Can we agree on concord?*. Actes du congrès annuel de l'Association canadienne de linguistique 2015.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências, *Revista Veredas*, 15(1):164-178, 2011.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Patterns of agreement within the NounPhrase, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 51-100, 2013.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordâncianominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português, *Alfa*, 56 (3): 1035-1064, 2012.
- CARLSON, G. *Reference to Kinds in English*. Ph.D thesis. University of Massachusetts at Amherst, 1977.
- CASTILHO, C. M. *Fundamentos sintáticos do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1998.
- CHAVES, R. G. Princípio de Saliência fônica: isso não soa bem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez., 2014.
- CHOMSKY, N. *Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge, n. 15, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1998.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In.: KENSTOWICZ, M. (Ed) *Ken Hale. A life in language*. The MIT Press, 2001, p. 1-52.

- DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 508-520.
- FRAMPTON, J.; GUTMANN, S. *Agreement is feature sharing*. Northeastern University, ms. 2000.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018 [1993]. p.301-316.
- GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- HIGGINS, F. R. *The Pseudo-Cleft Construction in English*. Tese (Doutorado em Linguística), Indiana University Linguistics Club, 1976.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LOPES, L. O. J.; SCHERRE, M. M. P. Influência da saliência fônica no processo de concordância nominal no português falado na zona rural de Santa Leopoldina-ES. *Anais do II CONEL – Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*. Vitória-ES, p. 68-71, 2014.
- MAGALHÃES, T. M. V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, São Paulo, vol. 20, n.1, Jan./June, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000100007>. Acesso em: 28 de nov de 2018.
- MATTOS E SILVA, R. V. A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância. In.: MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 488-507, 1989.
- MATTOS E SILVA, R. V. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 19, março, p. 253-286, 1997.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 538-548.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOLINA, S. G. Sobre las diferencias entre ser y estar: el tipo de predicado y el tipo de sujeto. *redELE: Revista Electrónica de Didáctica ELE*, ISSN 1571-4667, Nº. 13, 2008.

- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MONGUILHOTT, I. O. S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MORO, ANDREA. 18 Copular Sentences. In.:EVERAERT, Martin; RIEMSDIJK, Henk van (eds). *The Blackwell Companion to Syntax*. Blackwell Publishing, 2005. Blackwell Reference Online. 09 November 2007. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405114851_chunk_g978140511485121>. Acesso em: 11 nov. de 2018.
- MOURA, D. A predicação copulativa em português brasileiro e em espanhol. *Revista do Gelne*, v. 9, Nos. 1/2, p. 67-76, 2007.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. In: NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 49-69, 2007.
- NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language. LSA*, 57(1), p. 63-98, 1981.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo. *As frases copulativas com ser: natureza e estrutura*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) - Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2001.
- PERELTSVAIG, A. On the nature of Intra-Clausal Relations: a study of copular sentences in Russian and Italian. PhD Dissertation: McGill University, 2001.
- RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. Orações copulativas e predicções secundárias. In.: RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1285-1356.
- ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

- SCHERRE, M. M.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In.: HORA, D. (ed.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa; Ideia, 1997, p. 93-114.
- SERA, M. D. To be or to be: Use and acquisition of the Spanish Copulas. *Journal of memory and language*, v. 31, n. 3, p. 408-427, 1992.
- SHMITT, C.; MILLER, K. Making discourse-dependent decisions: The case of the copulas *ser* and *estar* in Spanish. *Lingua*, v. 117, n. 11, p. 1907-1929, 2007.
- SIBALDO, M. A. Para uma sintaxe diacrônica das sentenças copulares do português. *Leitura* (UFAL), n 47, 2011, p. 43-70.
- SILVA, C. R. T.; MOURA, M. D.; CERQUEIRA, M. S. Entendendo a concordância sob o viés minimalista. In.: FERRARI-NETO, J.; SILVA, C. R. T.(Org.s) *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, PR: CRV, 2012. P. 237-270.
- SIMIONI, L. A concordância de número no DP: propostas minimalistas. *Estudos Lingüísticos* XXXVI(1), janeiro-abril, p. 117-125, 2007. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/12.PDF?/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/12.PDF>>. Acesso em: 8 de jan. de 2019.
- SOSCHEN, A. *On the distribution of copula elements in Hebrew, Russian and Spanish*. Ms. 2002.
- VIEIRA, S. R. Entre o variável e o categórico: a concordância verbal e a colocação pronominal em variedades do Português. In.: REZENDE, L. M.; SILVA, O. N. L.; MENDONÇA, M.; ZAVAGLIA, C.; BRUNELLI, A.F. (orgs.). *Série Trilhas linguísticas*. Araraquara, Laboratório Editorial; São Paulo, Cultura Acadêmica, 2014.
- VIEIRA, S. R. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, v. 30 (2), Diciembre, p. 81-112, 2014.
- VIEIRA, S. R. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do Norte Fluminense*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. Patterns of third person verbal agreement, *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 7-50, 2013.
- VIOTTI, E. O Caso default no português do Brasil: revisitando o Caso dos inacusativos. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 53-71, jul./dez. 2005.

REFERÊNCIAS DOS DOCUMENTOS ESCRITOS DO PHPB⁷⁰

Aguilera, Wanderci de Andrade & Vasconcelos, Celciane Alves (Orgs) *Scripturae nas Vilas de São Luiz de Goaratatuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. (ISBN 978-85-98196-61-9).

ATAÍDE, Cleber; FERREIRA, Patrycia Siqueira C. *Cartas oficiais do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2010, CD-rom. Carta Oficial.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. Para uma História do Português Colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1999. 484 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

CALLOU, Dinah M. I.; BARBOSA, Afranio G. & CARMO, Laura do. “Cartas pessoais a Rui Barbosa: edição diplomático-interpretativa”. In: CALLOU, Dinah M. I. & BARBOSA, Afranio G. (Orgs.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, – (Coleção FCRB Manuscritos; 2), p. 19 – 103, 2011. ISBN 978-85-7004-304-7

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2005. Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves, 2º volume, **1ª parte: cartas avulsas para vários destinatários**.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2005. Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves, 2º volume, **3ª parte: cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo**.

⁷⁰ De acordo com orientação do banco de dados do PHPB, deve-se citar a referência de cada carta, presente no início de cada arquivo, não sendo possível, portanto, a menção apenas à plataforma online e/ou às equipes dos estados dos quais os documentos são provenientes. No entanto, em algumas das cartas não havia às referências no topo dos arquivos. Por isso, apresentamos aqui os nomes dos pesquisadores que constam como tendo transcrito os documentos, de modo a dar os créditos e as referências a todo o material usado aqui. Dito isso, não há referência para: as cartas oficiais de MG de Shirlene Ferreira; as cartas oficiais do século XVIII transcritas pelos bolsistas Marcelo Bernardo dos Santos e Ronaldo de Lima Fonseca; as cartas de LOPES, C.R.S./BARBOSA, A; Márcia Rumeu/BARBOSA, A; SILVA, Andrezza, / VIANNA, J., LOPES, C. & BARBOSA, A. RUMEU, Márcia.; VIANNA, J.B.S. / LOPES, C.R.S. & BARBOSA, A.; VIANNA, J. B. S. / LOPES, C. R. S. & BARBOSA, A; Afranio Barbosa e Círia Lima; e, DOCUMENTOS DO RN, em formato de livro.

CHAVES, Elaine e ALKMIM, Mônica G. R. (orgs). *Cartas Pessoais do Século XIX: Acervo Histórico Monsenhor Horta*. Mariana: Publicação Independente, 2002. 1 CD-ROM. DOC 106 e 107.

CHAVES, Elaine. *A Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte: UFMG/ FALE/ PosLin, 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos.

CHAVES, Elaine. Fontes para estudo da língua escrita em Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e XX. Belo Horizonte. (no prelo).

COELHO, Izete Lehmkuhl (coord.) *et alii*. Cartas pessoais de Santa Catarina - 2ª metade Séc. XIX. Santa Catarina: CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – UFSC / **PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE SANTA CATARINA**

CYRINO, Sonia M. Lazzarini; BARRICHELO, Jerusa & PAULA, Flávia Figueiredo de. *Cartas não-oficiais – Curitiba, Paraná*. Curitiba: Projeto PHPB /PR, 2004, CD-rom. Cartas Familiares ao Sr. José Lourenço.

FONSECA, Maria Cristina de Assis. Cartas oficiais da Paraíba dos Séculos XVIII e XIX. Maria Cristina de Assis Fonseca (Org.). – João Pessoa: Idéia, 2004.

IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. *Cartas Oficiais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom.

KEWITZ, VERENA. *EDIÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE WASHINGTON LUIZ - SÉCULO XIX*. SÃO PAULO: PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – EQUIPE SÃO PAULO/USP, 2005-2006. IN: SIMÕES, JOSÉ DA SILVA & KEWITZ, VERENA(EDS.) *CARTAS PAULISTAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS CORPORA DO PHPB*. SÃO PAULO: HUMANITAS/ FFLCH/ USP, 2006. 1 CD-ROM. ISBN: 85-98292-893. CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE WASHINGTON LUIZ

OLIVEIRA, K. . *Textos de escravos no Brasil oitocentista: os tempos de uma edição filológica e de uma antologia comentada de alguns fatos lingüísticos*. Filologia e Lingüística Portuguesa, v. 10/11, p. 189-220, 2009.

RAMOS, Jânia Martins. *Cartas de Clara Felícia Rosa da Silva Botelho – 1777-1785*. Belo Horizonte: Projeto PHPB/MG, 2004, CD-rom.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação

de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004, 286 fl. Mimeo.

Simões, José da Silva (Org.), Módolo, Marcelo & Romero, Nanci. Edição das Cartas Paulistas da BNRJ. São Paulo: Projeto para a História do Português Brasileiro – Equipe São Paulo/USP, 2004-2006. In: Simões, José da Silva & Kewitz, Verena(Eds.) *Cartas Paulistas dos Séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH / USP, 2006. 1 CD-rom. ISBN: 85-98292-893.

ANEXO A - QUADRO COM AS SENTENÇAS ANALISADAS

DADO	LOCAL	TIPO		ANO
		PARTICULAR	OFICIAL	
O Impreiteyro Se me defende com os engenros. e eu Se elles foraõ vivos, hes tornâra (ilegível) culpa.	PE		X	1703
Epella Igreja seachassem ornamentos, e serem os morado res pobres,	PE		X	1708
porq' natu= ralme. saõ hun's homen's temidos, e de pequeno Coraçãõ,	PE		X	1715
ACamera daCide. deOlindase acha com diuidas concideraueis plas. gdes. despezas q fez estes anns. paSsados q' foraõ cauza de contrahir as diuidas q' digo,	PE		X	1715
e nella sejam morado- res mtos. homens bons,	PE		X	1733
Ja tenho pedido aV Magde. por vezes os petrexos, e mo = niçoês q' constaõ da Rellaçaõ junta assignada pello Tenente General Engenheiro Diogo da Silvra. Vellozo, q' saõ perçizos para adefença desta Praça, e fortaleza des- ta Capitania,	PE		X	1735
Relassaõ das monisoos e mais petrexos q' Saõ neSsesos. pa. a Praça de Pernambuco	PE		X	1735
Remeti pelo Rio de Janeiro. E por q' de presente Se me pede mais gente pello aperto q' tem acreçido a da. (ilegível) naõ hauer nos dos. Tersos, todos os offes. Q' Saõ nessesarios mandar naprezente occasiaõ nas companhias da gente q' denouo estou mandando listar pa. o do. socorro por cuja cauza nomeyo aAntonio Ribero	PE		X	1737
,os quaes, como atodos hê notorio,	PE		X	1744

saõ indigentes de beñs,				
oqual parcamte. tem esmollas p ^a a sua sustentação por ter pequeno destrito, eos moradores naõ serem abundantes debeñs, faz osobreditoHospicio notavell, emanifesto pre'juizo ao Convto.	PE		X	1744
para oque entendo pello orçamento que fiz junto com os ditos mestres juizes do officio seraõ necesarios seis centos mil Reis,	PE		X	1708
ambos satisfazem as Suas obrigaçõs, com muyto cuydado, e zelo nellas, eSaõ capases deSerem acrescentados, cada hum conforme oSeo mereçimento, [inint.] aoSeosGo vernadores.	PE		X	1710
OAdjudante deTenente Francisco Gil Ribey RO, hã dou meses que assisto pontualmente aSua obrigação, com melhora nosSeos achaques. OsCapitans mayscapases diaPresentamen to, saõ, Manoel Carvalho, Antonio Pereyra de Aze vedo, Manoel da Rocha Lima, Eusébio deoLiveira, Manoel da Fonçeca Jayme, Manoel Marques, Luis Lobo, Pedro Roiz Plasidio de Azevedo,	PE		X	1710
Os dous Adjudantes su[inint.], Gaspar Pereira deAzevedo, e Bernardo de A[?]emaõ, saõ capazes, deSerem acrescentados, eServem comSatisfação,	PE		X	1710
. OCapitaõ da Artilharia Francisco Mendes daPa[inint.], serve com muyto cuydado, ezelo, etem toda acapacidade, para oSeo posto: [espaço] Os dous gentil[?] [inint.], eCondestaveyo, todos saõ capazes, dasSuas o cupaçõs.	PE		X	1710
, alhe ochegarem apersuadir ao Reverendo Bispo que nõs foramos acausa do dito levante	PE		X	1711
naõ fomos sabedores,	PE		X	1711
e amor comque o desejamos servir pedindo hu- mildemente a Vossa Majestade o faça assim entender pello caminho que lhe parecer	PE		X	1711

aquelles, que nos são oppostos,				
; salvo huns e outros forem por eLevação, e estes sabem todos oquanto são incertos, eo pouco efeyto que fazem;	PE		X	1713
e ainda a de campanha lhe concidero grande dificuldade por cauza do terreno, que tudo são areais,	PE		X	1713
aLem de por falta destes materiais se não poder conseguir esta obra, eu ajulgo inutil e denecessaria, como são todas aquellas que não fazem conse- guir ofim para que se mandaõ fazer,	PE		X	1713
Trez são os fins porque esta obra se devia fazer, primeyro a defença de alguma barra,	PE		X	1713
Entendo eu Senhor que os Ministros são os mas cul= pados nezta satisfasam, porque todos tratão samente deaquirir	RJ		X	1720
Foi VMagestade servido ordenarme por carta dedoze de Abril do anno passado, remettesse aesseConçelhohuã relação de todos osLivros que forem necessários pêra servirem dãrecadaçãodafazenda real, pera se mandarem reme- ter à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que a vista della ordenar VMagestade oque for mais conveniente a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda.	RN		X	1713
Do provedor da fazendareal Com a rellação dos Livros q saõnecessariosp.aaa recada ção da fazendareal.	RN		X	1713
, e o q só devia uzar era porinformaçõens dar conta aogoverno de Pernambu co das pessoas q erão mais capazes para estas nomeaçõense merces p. ^a q elleasfizese como seu superior aquem tocava fazellas	RN		X	1715
, pois como tem mais conhecimento das pessoas que servem, farao'	RN		X	1715

estas nomeações', nas que forem mais capases, e da mesma maneira os offiços,				
os quaesselhe deve concederqueproveiao' ¹ por tempo de hum anno, nos que forem mais idoneos; eas- datas que as dem, segundo adesposição' que se tem mandado guardar, e seac	RN		X	1715

DADO	LOCAL	TIPO		ANO
		PARTICULAR	OFICIAL	
alli experimentei de todos os religiosos aquelles obzequios, q. são próprios/ da mta. estimação q. o do. lhes deve e lhes sabe merecer, e finalmente passei pa. accompana./	MG	X		1767
e vmce. attendantto ao q. eu digo não hade julgar são expressoens de/ rapazes.	MG	X		1797
Se inda tiver na loja ligas deSe qualir [corroído] os ahi comprei menor de hu' par, e Sijaõ dos que' forem mios compridos, e Se por acaso não há verem me mande três viros defita azul, ou verde pe [emorrao] em lugar, das ligas, mas	MG	X		1792
novos titulos da ma. obrigação. Finalmente a 28 de Setro. li no Dezembgo. do paço, tenho neste acto amesma felid.e que tive nos da Unde. de sorte/ que medistinguirão nos assentos, dando-me os de muito bom por todos, q./ são os melhores, que se costumão	MG	X		1792
Eu bem queria dar principio a habiliatr-me pa. por ao peito/ o habito de Christo, cuja merce	MG	X		1792

me derão os Tios de Ferral, porem como/ pa. isto me são percizas 30 moedas nada posso fazer.				
de As Brandaõ, en- viando os nomes de 4 aSsignantes. que' saõ: [espaço] Esse, Brandaõ. [espaço] Fernando. de Assis [Junos] Barrozo [espaço] Joze de Freitas Pacheco [espaço] Padre. Manoel Bitencourt Godinho aos quaes foraõ remetidos os testemunhos. publicos	MG	X		1776
mas hoje tudo não são senão empalhaçons fiados no tempo,	MG	X		1773
q. esta feyta não sam paos q. secarreguem / nas bestas	MG	X		1777
Sra D. Clara Felicia da Roza / Minha sra aqui cheguei ahesta va gra = / ças a Mel com bem saude, ainda q. fo = / ram muitas asnoytes, q as pacei aflita	MG	X		1782
daminha vida, assim comofazem os mais / casuti_ lidades ou ganhos que tenho tido, etenho, / são bem publicos enotorios, q he sempre moles / to	MG	X		1782
porem tudo isto se malogrou de / pois q chegamos as Ilhas, onde forão tão continuas as tempestades, q entre sustos, e / sobresaltos se dispergiu algumas vezes a Frota, e por ultimo lhe entrarmos neste Porto. /	MG	X		1766
mezada q o corresponde me tinha determinado q irão 8\$(?)000r os quais / não são bast.es pelas razoens q avm.ce ponderava,	MG	X		1787
pelos dictames da honra ebrio, enem meu Irmão pode ser / aqui culpado pois mandou fazer aduzia suppozissão de sermos dois	MG	X		1787
as quais erão necessras então,	MG	X		1787

Seus tt.os são os seg.tes oprimr.o o P.e / Me Marçal, porem achase no Rio de Janr.o	MG	X		1783
Fico entregue devintenove recrutas tãobemSei, que amayor parte destes Povos Se tem retirado para osSertoens, com o horror de não Serem soldados,	PB		X	1775
Isto são couzas annexas aolugar,easpertendo con servir ellezas, emquanto o Senhor domesmo Lugar não manda outra couza.	PB		X	1775
Informando-mede Administrador do Pau BrasilSobre aRelação, que Vossa Senhoria me enviouachou serem os proprios, que Custumão Cortar oPauBrasil.	PB		X	1755
Ordeno aVossa Senhoria, que todos os que se achaõ encarregados dos Cortes do dito Paũ, sejaõ obrigados adar a Vossa Senhoria huma Lista exacta de quanto tem cortado p Vossa Senhoria	PB		X	1775
; os da Praça alem deserem mais civilizados, e abonados todos tem fiadores a dezerçaõ,	PB		X	1780
que elas são suficientes para eles,	PB		X	1800
, acrescendo que a maior parte dos rematantes são os parentes do mesmo Juiz;	PR		X	1798
As utilidades que Se Segue na abertura deste Caminho as duas Vilas Antonina e Curitiba são as que relatamos:	PR		X	1798
e no mesmo socorrerem-se, não só dos vibres das nossas Lavouras que Lá não tem como são aguas-ardentes; e arozes , como dos de mar en fora	PR		X	1798

e como os da Europa,				
e a esta socorrerem-nos com os efeitos quasi da primeira necessidade como São farinhas de trigo , toucinho, gado para Córte, xarque, feijão, queijos, e manteiga, Sollas, e couros para calçados fumos, e Congonhas, frutas, e pinhão, Cera da terra que tudo nos vem da dita Vila de Curitiba,	PR		X	1798
Emquanto de ervas medecinais e frutas Silvestre que não sejam danzos a sa ude.	PR		X	1798
Navio nosso que Comercia aIndia em bom sucesso; enão tras outros efeitos que não [Sejão] cassas, [xita], e Ris cada, bastante [xá] mas Ruim	RJ		X	1768
ese Vossa Excelência lheescrever sejam cartas que [aspira] ver o senhor Marques por que	RJ		X	1773
Nes= ta Capital pareceo conveniente suspender as demonstrasoins pu blicas pelos justos motivos, que a esta hora serão já prezentes aVossa Excelência [espaço]	RJ		X	1776
pois que estas mesmas Mercez são evidentes demonstraçoens que Sua Magestade dá do merecimento de quem dirigio toda a accção,	RJ		X	1776
com que Vossa Excelência me honrou, escripta em 17 de Julho do ano passado, e me forão muito apreciaveis as no- ticias,	RJ		X	1788
que aquelle dequem Sua Excelência eeu so=mos	RJ		X	1795

Vassalos me honre tanto Como Se mostra,				
aVia de Cartas de Sua Magestade requerendo tambem as provizões que me herão precizas para fazer Morsso sobre esta Costa Conforme a Ordem.	RJ		X	1793
para ajudarem a fazer os Serviços, que ali erão necessarios,	RJ		X	1795
e lhe foi respondido, que não erão Quadrilheiros;	RJ		X	1795
que asminhas exposiçoens herão suscep= tiveis d'atensão:	RJ		X	1798
aonde todos os estabelecimentos propios ou dos antepassados deVossa Excelência, são reciprocamente vezinhos dos=meus emtodas aspartes,	RJ		X	1798
os pretos são os braços dos Lavradores,	RJ		X	1792
quando nos Países mais iluminados se estão dando premios á queles que mais exportão; porque são os que mais Concorrem para se augmentar a maça do Estado;	RJ		X	1798
não só prejudi-cão, em quanto não são fructiferas, mas em quanto não permitem Caminhos , e estradas curtas para as que se a-chão cultivadas;	RJ		X	1798
Sabendo que os ditos Menistros [Ju]is de Fora e ouvidor da Comarca, erão seos vezinhos eamigos,	RJ		X	1793
As villas defora, que os subministravão, como erão aCananea, Santa Catharina, eRio deSão Francisco , estavão impossibilitadas, por que alem das Licenças,	RJ		X	1793

Nem a Ordenação 5a officio , em diversos Alvarás e Decretos de Vossa Magestade aellas, se contemplarão para a franca saída destes generos, nem para refrear os atravessadores. [espaço] Correndo então oSaco de farinha, que são quatro alqueires eme- io da medida do Reino a oito, e anove tostões, subio Logo a 2560, e 2400;	RJ		X	1793
Por huã ordem vocal que medeo o General, reduzi duas companhias de Infantaria que guarneciaõ esta cidade ahuã, eo [tutal] dela sam cem prassas,	RN		X	1791

DADO	LOCAL	TIPO		ANO
		PARTICULAR	OFICIAL	
Já escrevi aVosmice, e lhe dei parte de ter vendido a sua parelha de Cavalos por 300\$000 Reis para o Marquez deSanto Amaro, tomei esta resolução, meditando nas ava- rias, á que são sujeitos os folegos.	BA	X		1829
talvés, que votem pela emenda, sem atenção a estas circunstancias, e a outras mais, di= gnas todas de concideração; como sejam: aobriga= ção de concorrer o Admenistrador de hu Vinculo para a sustentação dos Irmaos quando percizem, e se= jão pobres:	BA	X		1835
Por to dos estes motivos parece, que são necessarios, e athe uteis as Instituicoens de Vinculos de Morgados, e a conservação dos que existem,	BA	X		1835

pelos principios por que os querem extinguir com offença da inviola bilidade do Direito de Propriedade,				
Taes são minhas intenções, meu amigo;	BA	X		1837
Da-me todas estas informações, que agradaveis me são por que nellas debes julgar interessadas meus propios prazeres.	BA	X		1837
bom Cirurgião, 2 praticantes, alem demuitos que com eficacia semprefarão em Seo Socorro, todos os 2 ^a f. abitantes deste Arraial. forão testemunhas do quanto. foi tratado, epode ficar lhe essa conçolação.	MG	X		1811
não tenho [corroído] ser[corroído]/ do nas cobranças deseus ordenados, instame incarecidamente. para que Vossamerce/ ou seu Mano sejam seus procuradores, eque paga a 4 pontos.	MG	X		1841
e esta he arazão dos mantimentos serem caros/ porque so plantão para comer, vendem as sobras, avista destas circumstancias que se_/ ra o sugeito que queira.	MG	X		1841
Eu não tenho isso aos seos pes por couza se encomodos o que portendo fazer breve para ser satisfação demeu dever pelo portador <remeto> 3 queijos daminha fábrica Vossa Senhoria não repare não ser coiza caras [espaço]	MG	X		1842
que Leva onze oitavos $\frac{3}{4}$ de ouro Vossa Senhoria ponha naminha Conta etambem Leva	MG	X		1842

as notas que pedia Vossa Senhoria para trocar e vão assignadas são 35000milreis e deste favor				
na data de vintem assinou o termo de juramento FranciscoHerculano Rapozo, declarando ser Mestre do bergatim = Venturozo = de que são senhorios Francisco Antonio Ferreira, e Joaquim Pereira de Almeida e [inint.] todos vassallos portuguezes,	PE		X	1809
todos os uzos e Costumes praticados no nosso Bispado, que forem conformes ao Bispado do Rio de Janeiro,	PR		X	1803
e mais direitos e alem disto muitos que prezumen interpretar o direito fazendo diferenças de conhecenças a Alelluyas Se enganaõ porque hũa e outra Couza Saõ oblaçoins para a sustentação dos menistros do Santuario as quais de voluntarias em outro tempo paçaraõ nece ssarias,	PR		X	1803
ou estão estendendo as ruas daCidade assentou oSenado que serião limites racionaveis segundo O estado actual das Couzas,	RJ		X	1808
e como debaixo da protecção deVossa Excelência edo acolhimento, que costuma despeder com aquelles, que são dignos della,	RJ		X	1811
e com o qual se poderão emprehender quaesquer outros Estabelecimentos e Despe- zas, que forem convenientes ao grande Imperio do nossoBom,	RJ		X	1812

[espaço] As expositões que Vossamercê me faz da nossa Amizade, são mais proprias da Sua honra, que dos motivos que alega, mas ainda virá tempo de concorremos, e de perto, unico fim aque os da hy, e da qui suspirão.	RJ	X		1809
porque segundo o que me disse o senhor seu Mano, nos somos muito parentes pelos Andrades e Machados da Caza da Igreja de Santa Senhorinha,	RJ	X		1815
Permita Vossa Excelência que eu tome a liberdade de sugerir-lhe huma ideia minha que hontem mereceu geral approvação de pessoas respeitaveis. Muitos são os fracassos que tem acompanhado o novo Dinheiro Papel, e de todos a maledicencia tem colhido alimento para apascentar-se.	RJ	X		1836
; accessce que amor parte dos habitantes são proprietárias e possuem madeiraz em suas terras com que cercaõ suaz lavou-raz maz os agricultores que não possuem terraz	RN		X	1849
que forem mandadas, ou aceitarem aquelle domicilio, he de crer, que sejaõ pobres, e indigentes sem meios, sem forças para promoverem as utilidades, e bens mais da agricultura.	SP	X		1820
. [espaço] Estas são as reflexões, que me occorrem accrescentando, que o Comercio do Cuiabá pelo Rio está quazi extinto tanto pelos trabalhos, difficuldades, e perigos da longa navegaõ,	SP	X		1820

Os Rebeldes Faloveirosthe o dia não tinhaõ embarcado, tudo são Repr= zentaçoens metendo tempo em meio aver se chega aDivizaõ dePor= tugal, que Se espera, porem devo crer, que ja teraõ partido aestas oras.	SP	X		1822
[espaço] Estas são as circunstancias, em que seacha a Cidade, e he amaior desgraça,	SP	X		1822
porque São estes, os que devem, e haõde tirar as mais in= teressantes vantagens deste distincto Cargo,	SP	X		1822
isso decerto, por que os mesmos filhos da Europa e do Commercio são os peiores,	SP	X		1801
que poucos são felizes,	SP	X		1801

DADO	LOCAL	TIPO		ANO
		PARTICULAR	OFICIAL	
e, se não morrer cedo, tem ali de figurar, inevitavel= mente nos primeiros cargos inclusive o dePresidente da Republicueta, ecomo, bom ou mau, são esses os vesinhos mais proximos quetemos convem nos entreter com elles rellações de boa vesinhança,	BA	X		1860
Os officiaes de que se compo= em o meo aristocratico Quartel General, são os Tenentes Coroneis José Antonio Correa da Camara, e José Antonio da Silva Lopes;	BA	X		1866
São essenciaes os serviços dos calafates para darem toda a segurança ás canôas de desembarque que mandei construir.	BA	X		1866
Todas as informações, argentinas e brasileiras, são que os forne-	BA	X		1866

cimentos do nosso exercito se fazem com perfeição.				
São precauções que eu julguei uteis.	BA	X		1866
O nosso exercito não poderá voltar senão já no começo do inverno, caso sejamos felizes, como creio.	BA	X		1866
Tenho visto aqui alguns que vierão para o governo argentino, os quaes são um primôr de obra e de barateza.	BA	X		1866
Agora ás 4 horas recebo estes officios que te remetto. Não sei se apanharei ainda o vapôr. São interessantes. A noticia da cheia no Paraná me dá força para fazer terminar os aprestos.	BA	X		1866
Esses batalhões, segundo uma carta particular, erão o 7.º de voluntarios, o 14º de infantaria e parte do de engenheiros.	BA	X		1866
Mas posso dizer a Vossa Excelência por informação do General Paunero que distinguirão se “em primeira linha” os voluntarios fluminenses e paulistas como se foram antigos veteranos do exercito	BA	X		1866
De Corrientes me escrevem, com a chegada alli dos vapores hospitaes “11 de julho” e Duque de Saxe que os nossos mortos forão 40 e os feridos 94.	BA	X		1866
O general Paunero, escrevendo [...] seus amigos e familia, diz que os brasileiros e seu heroico general seu chefe são inexciveis.	BA	X		1866
Quando tu nas camaras atacavas ou deixavas alterar o contracto de fornecimento do Porto Alegre, os teus agentes davão de estofe aos comandantes dos transportes mil reis diarios por praça de porto a porto, como se Rio de Janeiro e Montevidéo, pórtos de abundancia de generos;	BA	X		1866
O Salles e o Porto Alegre forão os que chamarão a minha attenção para os taes estofes de mil reis, carregadas nos navios cujo frete e carvão tu pagas.	BA	X		1866

Esses dois documentos que deposito nas mãos de Vossa Excelência são suficientes para provarme que semelhante fornecedor nunca devia ser aceito,	BA	X		1866
Vagou o lugar de Administrador da Recebedoria d'esta Provincia - Sam muitos os pretendentes a'elle - Meu cunhado o Leonel é um	BA	X		1866
Os mais são voluntarios da Patria,	BA	X		1866
As circunstancias d'este pobre empregado são deploraveis,	BA	X		1866
As ultimas noticias da nossa guerra forão excellentes,	BA	X		1866
Valia bem ter um transporte em forma de Hospital somente para conduzir feridos de Monte Video ao Rio, onde as despesas seriam menores,	BA	X		1866
ha noticia exacta do malogro de minha candidatura e seus motivos, que são curiosos, e honram-me os	BA	X		1866
As resoluções em que concordou a reunião de amigos do finado Conselheiro Geraldo Leite Bastos, são as seguintes:	BA	X		1863
me disse este que erão 3 tonneis que vasavão,	BA	X		1866
São 10 horas quando despacho Pompilio.	BA	X		1866
São 10 horas da manhã,	BA	X		1866
Muito nos regosijamos pelas boas noticias do Sul, queira Deos que sejam exactas e que o estandarte brasileiro esteja a esta hora coberto dos louros da victoria.	BA	X		1866
. Vou mandar saber do Sr. Paulino se são exactas estas noticias, se assim forem illuminarei a casa, assim que chegarem os jornaes da Bahia,	BA	X		1866
são 9 horas do dia ainda está o barco no porto a espera	BA	X		1866
e como Vosmice intende bem, e tem gosto 2v. pode ser que sejamos felizes	BA	X		1888
Não tenho tempo de escrever ao Vigario Jaime que fomos colegas e que bem me podia servir Si meu Tio ver que elle me possa	BA	X		1891

servir escreverei a elle				
com o apoio de vossaSenhoria afavor Transporte 1v. de esta familia que são pobres e de bons costumes,	BA	X		1889
As ophthalmias invadem todas as partes do olho, porem em graós differentes, principalmente são muito pronunciadas na conjunctiva,	BA	X		1878
Si não melhorar, e si as dores forem muitas applique os papelinhos sob n 2, 1 de 3 em 3 horas,	BA	X		1878
Si não houver violencia; seremos melhor aquinhoados que no 1º escru- tinio.	BA	X		1881
o programma não mudei; as necessidades que convem satisfa- zer, ainda não foram satisfeitas; continuamos na mesma=.,	BA	X		1878
que= rendo Deos e dezejando achar um muito bom, ou antes o melhor possivel em vozes, e feitio, de madeira preta (jacaranda) chaves e não grande (os Hes= panhoes são os milhores) peço-lhe que me mande buscar um com tais condicções, cuja importancia	BA	X		1867
Entao servião sem duvida enciparaveis, esquecen do=se elles que somente são os que tem a culpa moral do que se praticar – ADEos;	BA	X		1866
como V. e todos os nossos amigos são testemunhas, e quando por circuns tancias outras, deixe de continuar a prestar os meus serviços na Inten= dencia,	BA	X		1899
As noticias politicas são as mais interessantes.	BA	X		1899
porem quem não quer viver nem deve tomar vidro, e nem sollimão pois só são lentos a quem tem a mor a vida. Muito addemirava	BA	X		1861
as rasões são outras pois a sepultura será sabedôra, e não	BA	X		1861

se VossaExcelência com todos que lhe são cháros estiverem em gôso da mais vigorosa saúde, ladeáda de mil felicidades.	BA	X		1900
Tenho apreciádo os ultimos movimentos da política da nossa Patria, mas são tantas opiniões relativas,	BA	X		1900
fazendo questão de honra em o vosso filho e o d'elle serem os nossos candidatos,	BA	X		1899
; as nossas condições aqui são gravíssimas,	BA	X		1897
no dia das arrematações o Marcelino apareceu fazendo as arremata= coes que foram as seguintes:	BA	X		1898
O mais são historias.	BA	X		1898
Desejo que sejam triumphan- tes n'este pleito,	BA	X		1890
Forão estas as minhas expuções,	BA	X		1891
e no alto certáo os preju zizos são enormes!	BA	X		1898
e com quanto éllas não sejam saptisfacto rias	BA	X		1898
Peço-lhe de desculpar minhas imprudencias, que são fi-lhas do máu estado em que me vejo.	BA	X		1890
Existem ainda dous lousadores, que é o Coronel Ara-ponga e o Santa Rita;	BA	X		1890
O Major Fe- bronio tem escripto alguns arti- gos contra o Vianna, que são di- gnos de ler-se, e o correio nada tem respondido.	BA	X		1897
a meo ver está enchendo os dias, e estes mesmos creio que serão poucos,	BA	X		1897
São uns Saltimbancos!	BA	X		1898
A melhor saude ao lado de todos os entes que lhe são charos, muito esti-mo, aureolada de todas as felicidades e aceitando nossas vizitas	BA	X		1900
Segundo publicação da Bahia os nossos Candidatos são vencedores, excepto porém, o Santos Pereira,	BA	X		1900
As bandalheiras officiaes não lhe são estranhas, e por conseguinte deixo de mencio-nal-as, por que V verá no resul-tado da "A Bahia" de hontem.	BA	X		1900

Tendo havido ultimamente algumas alterações na magistratura do nos-so Estado, como seções, remoções, nomeações, etc, e estando eu com o meo parente Doutor Raul Passos, - que é promotor do Tucano,	BA	X		1900
emfim foi uma derrota io depois constame que conde nam os moradores do lugar que forão falsos os soldados aqui acho em justo.	BA	X		1896
as cacimbas estão escassas d'agua, o processo para o trabalho das mesmas são difficeis e de[s]pen- diosos;	BA	X		1898
porem com tudo isto tenho fé que as forças legaes serão victoriosa;	BA	X		1897
Tomou posse da Promotoria d'aqui o Dr. José Requião, o qual segue para Bahia no dia 4 do corrente e prezumo que não voltará mais o Juiz de Direito e Mu- nicipal são partidarios João 3r. Dantas, e a pezar da união que elles apregoão, só dão prefe- rencia aqui a gente do anti- go partido liberal, dando-lhes assim toda força.	BA	X		1890
Infeliz sertão entregue aos destinos da sorte e ao abandono do Governo, parecen- do-lhe que somos os selvagens da antiga Colonia Portuguesa!...	BA	X		1895
Sam meos desejos que ao la do da Excelentissima Baroneza e caros Filhos tenham fruido per- feita e vigorosa saude e que assim continu-em muito esti mo.	BA	X		1898
São meos desejos que com To tonio e onosso bom velho Doutor Mello tenham gozado perfeita e vigorosa saude e que assim con- tinuem muito estimos atodos vezito com Joãozinho e abraça- mos.	BA	X		1898
saciarem seus malevolos intentos queren do serem os mandões de todos os tem- pos.	BA	X		1897
De tudo mais são elles capazes de praticarem debaixo da falsidade e depois se innocentarem perante o publico.	BA	X		1897

Disculpe-me de ter sido tão extenso Almejo- lhe e a todos que são charos a VossaExcelência saude e felicidades.	BA	X		1897
; e Talves a sua que somos os repu- blicos mais odiados pelo tal Com- selheiro.	BA	X		1896
Alguns eleitores d'es te municipio, que votão no Aporá, são amigos do compadre Guinou, e a estes vou escrever em nome delle, mandando- lhes as chapas, somente com os nomes dos catholicos,	BA	X		1890
Está marcado o jury para o dia 12 de Setembro proximo, si o meu compadre entender, que es- tas informações são verdadeiras, ou dellas tiver sciencia,	BA	X		1898
São os seguintes:	BA	X		1898
Estes são os limites que dividem a freguezia do Aporá e seus districtos,	BA	X		1898
a pro- cura de animaes, quatro, foram mortos,	BA	X		1897
tanto que já hão posto em execução diversos outros actos de requintada selvageria, como fossem: o de no Cumbe incendiár diversas cas[as] e matta rem uma pobre velha que alli permanecia;	BA	X		1897
Como já mandei-lhe dizer, as for- ças que estiverão no Cumbe eMas 3v. sacará etc forão as que compu nhão a 3ª Brigada, coman dada pelo coronel Flôres,	BA	X		1897
em caso contrario , seremos as 1ªs victimas dos bandidos no caso que ellas consigão ficarem senhores da situa- ção-	BA	X		1897
de ajudar-nos efaser valer os novos direitos são estes que querem estar com Deus e com demonio aúm só tempo,	BA	X		1895
Elles ahi vão todos para a Festa do commissario Antonio Ferreira com Jose Galdino, Vigario; e outros, pois-	BA	X		1895
4r. pois, tudo, diz o Vigario são seos amigos,				
só não conta com migo e João Costa por sermos teimozos;	BA	X		1895
A gen- te que vai, são pouco praticos.	BA	X		1893

pois até o acarú sob noticias serem as mesmas.	BA	X		1899
Com cer teza 10 vacas porem faltão trez que não aparessem julgo que não são vivas	BA	X		1890
Não inclui a Tia Dona Ritta, visto serem Vossasmerces suas herdeiras.	MG	X		1855
Todas as noticias que tenho dahi são concordes enquanto acasa que voce mora amiassa próxima ruinha,	MG	X		1855
() visto que são solteiros e com idades proprias,	PB		X	1854
Em cumprimento a ordem de Vossa Excelência remetto trez recrutas pela escolta daGuarda Nac commandada pelo Cabo João Franco cujos recrutas são os seguintes	PB		X	1854
por offensas fizicas, que de- pois de reconhecer serem leves, madeio por em liberdade.	PB		X	1861
riri do juiz de Direito e ao promotor que pelo amor de Deus nos socora com amahior Brevidade pocivel quese não só seremos vítima como noços familias, mulher- res e filhos	PB		X	1862
Havendo-se reconhecido pelo Excelência- me á que se procedeo no Banco do Brazil, serem falsas as cincoenta e cinco cedulas de 20\$000 réis do mesmo Banco,	PB		X	1872
Os nossos escriptores de raça são tão poucos!	PE		X	1875
Fiquei muito contente por saber que gostou muito de minhas cunhadas e signal que são bôasinhas;	PR	X		1888
os amigos são os seguintes:	PR	X		1888
, depois de feitos conferenciamos todos, os vinhos são superiores o de Vellas agrada muito logo que chegou mandei diverças Garrafas como amostra todos elles aquem mandí estão comprado algum não comprar [incompreensível] isto tudo aqui na cidade porisso se puder mandar mais e bom,	PR	X		1889
em virtude de serem documentos de 2 á 8 mezes de praso	PR	X		1888

convencendo-me de que não são desaproveitados os meus sacrifícios em prol da educação da mocidade.	RJ	X		1866
o mais que poderes aos teus livros, que são amigos insuspeitos, verdadeiros e uteis.	RJ	X		1866
a um grande incendio no corpo lateral em que habitão empregados da fa= brica, porquanto os aparelhos dos serviços da fabrica, depura= ção e distribuição do gaz estão inteiramente isolados e são incon= bustiveis.	RJ	X		1889
lisação informando ao governo que os fornos e retortas, os purifi= cadores, os condensadores, os tanques, o grande contador da produção e os conductos do gaz são incon= bustiveis,	RJ	X		1889
que outros são os seus redactores.	RJ	X		1893
São tantas as separações e as divergencias que estão perturbando a vida da Republica e armando um contra outros, os obreiros [p. 2] da mesma construcção, que eu sentiria grande pezar, se prevenções injustas ou intrigas per- fidas, concorressem para interromper a cordia- lidade das relações que temos mantido desde os primeiros momentos da inauguração da Republica.	RJ	X		1893
não há um só momento que não me lem= bre de Voces teos sofrimentos são tambem meos;	RJ	X		1893
por que os tres ultimos mezes forão fataes,	RJ	X		1893
Quando estiver-mos juntos de contarei o procedimento de certa gente, cuja posição vida e fortuna a ti devem, são uns miseraveis,	RJ	X		1893
O Carlito e o Luiz ainda se a= chão presos e bem assim o Tobias espera-se que sejam soltos por estes dias,	RJ	X		1894
digão o que disserem, os que propalão tudo que acabo de te dizer são pes= soas vindas d'ahi,	RJ	X		1894

comigo jan= tão quasi todos os dias Bijuca Maneco e Mimita, são as uni= cas pessoas que nos acompanhão sempre juntos e muito correctos,	RJ	X		1894
Comprimentos a familia Doblert, diga-lhes que a Mi= mita, está sempre em minha casa e que o Maneco, são muito[s] dignos e muito nossos amigos.	RJ	X		1894
mais tarde verifi= carás que [↑de] muitas cou= sas que te tenho escripto muitas são puras ver= dades,	RJ	X		1895
Tua casa está quasi prompta toda forrada, pintada e empapellada, por estes dias ficará prompta quanto aos papeis forão a gosto do empreteiro, são bons, bonitos e ri= cos,	RJ	X		1895
Os seus elogios não são outra cousa senão a munificen- cia do seu espirito,	RJ	X		1899
e que al- gumas de suas materias de ensino são bastante alheias ao mesmo objecto;	RJ	X		1857
Ainda porora são os passos preparatorios	RJ	X		1877
e logo apoz descendo a serra da Tijuca, porem o desejo de escrever-te e fingir que estou conversando com tigo são incentivos mais poderosos de que os meios higienicos para eu não passar tão [espaço] [espaço] mal.	RJ	X		1877
Reconhecendo perante tu [com] migo que só um ou outro pensamento e aproveitável no meio de muita cousa ruim. São raros brilhantes no meio de grandes imundícies, ou uma ououtra estrel- la que scintilla no meio da escuridão da noite carregada de electricidade e de carbono	RJ	X		1877
Entre nós vae tudo assim, assim na doce e esperança de revermos os nossos filhos aqui, breve, desde que as condições climaticas são melhores.	RJ	X		1886
Desde que o [inint.] não é [inint.] eque não caça muito a [inint.] [inint.] é provavel que sejão	RJ	X		1896

bichos.				
no sentido de obter esclarecimen- tos que me são necessários para poder dar ou negar minha aprovação com segurança que a importancia do ne- gocio [vige]. 	RN		X	1877
Elyseu e Bittencourt são as unicas cousas [fol. 2r] boas que ainda por cá an- dam.	SC	X		1888
Por hoje te mando apenas estes contos, para vêres se com a lente do teu extraordinaríssimo talento, achas nelles algum clarão de idéia, alguma pincelada de estyllo. São os primeiros que faço neste mundo de homens idiotas, lêsmas, sem espelho psychologico ...	SC	X		1888
Parece incrível, porem as circunstancias em que me tenho visto, isso desde o dia em que acceitei a no- meação de promotor publico até o actual, são mais que potentes para justificarem-me perante o teu grande cora- ção e o teu genial espírito de Aguia do Desconhecido.	SC	X		1892
Os que possuo são poucos, os que difficilmente puderam escapar da [inint.] dos arruaceiros que me assaltaram, em Tuba- rão, às quatro horas da tarde de 14 de julho de 92, a casa onde eu residia com minha familia, que- brando-me tudo, espingardeando-me tudo.	SC	X		1892
Agora, como já são duas horas da madruga- da, e já vae longa e massante esta carta, abra- ço-te loucamente, desejando-te e a tua Esposa, a Eleita do teu Ideal, a Iniciada dos teus versos, to- das as venturas que eu para mim desejo e pa- ra as minhas filhas.	SC	X		1892
O que te posso garantir porem, afôra pequenas in- correções [inint.] de iluminação, é o que os sonetos que tenho agradarão, pois são elles to- dos cheios de aromas castos de natureza verde.	SC	X		1897

Os meus conhecimentos juridicos, como você sabe, não são grandes; mas com boa vontade e esforço faz-se muita cousa.	SP	X		1900
As companhias são a “Nothern e Prevedente”	SP	X		1900
sommos 3 estudantes,	SP	X		1900
teem mais: engenheiros, agrimensores, desenhistas e 2 bachareis que são os chefes da repartição e dous rapazes mais que deixaram os estudos:	SP	X		1900
e faço votos ao Altissimo para que la[deteriorado] a sua benção e sejam muito felises e por muitos annos,	SP	X		1900
São calculos ...	SP	X		1896
Saude e venturas mil, são meus desejos	SP	X		1896
Comparando Ouro Preto com o Recife vemos que são complatamen= te oppostos.	SP	X		1890
Com as ultimas chuvas, que foram torrenaciaes, o engenho escangalhou-se ainda mais,	SP	X		1895
Agradeço-te muito os offereci= mentos de que talvez mais tarde me utilizarei visto que tenho certesa que são sinceros.	SP	X		1895
Como não foram grandes as despezas, apesar da ben enten[d]ida economia que empreguei.	SP	X		1899